

Nossa singular viagem ao Brasil

de 10.10. 99 até o 1.11.1999

Obrigado ao prof. Valberto Dirksen

Pela tradução de nossa „Viagem ao Brasil.

Martin Holz

10.10 a 1.11.1999

Antes de tudo, Hildegard e eu queremos agradecer de todo o coração ao nosso amigo professor Valberto Dirksen, de Florianópolis, pelo convite e organização de nossa viagem.

Em segundo lugar, agradeço à minha Hildegard pelas anotações que fez dos mais importantes acontecimentos diários de viagem. Não teria sido possível escrever de memória, na seqüência cronológica em que está, semelhante relatório de viagem. Obrigado também à nossa filha Sabina que, como experiente secretária, digitou o texto ainda bruto do diário, numa primeira versão sem os “se” e os “mas”. Procuramos apresentar nossa viagem e nossas sensações numa linguagem simples e facilmente compreensível. Espero que o tenhamos conseguido.

Hildegard e eu estivemos cinco vezes os Estados Unidos. Cada viagem foi uma experiência singular, que jamais esqueceremos. A viagem ao Brasil foi, sob outros aspectos, igualmente rica em experiências e superou nossas expectativas. Agradecemos a Deus e a todos aqueles que de alguma forma colaboram conosco para o pleno êxito da viagem. A participação nas bodas de ouro de Nilsa e Emílio Berkenbrock, com mais de 500 convidados, foi, sem dúvida, um dos pontos altos. O encontro com o bispo Dom Tito Buss, em Rio do Sul, e com o bispo Dom Vito Schlickmann, em Florianópolis, foram, evidentemente, acontecimentos inesquecíveis. Jamais esqueceremos a amabilidade, a hospitalidade, a simpatia e a simplicidade das pessoas que conhecemos. Também nos impressionou a profunda religiosidade na conduta de vida das pessoas. Muitíssimas pessoas esperam auxílio e reforço na fé em Deus. O conhecimento pessoal daqueles que têm os mesmos interesses dá-nos ainda mais motivação para prosseguir em nossos objetivos na pesquisa sobre a emigração. O leitor certamente compreenderá que eu me senti um embaixador junto aos brasileiros de origem alemã. O grande interesse dos brasileiros descendentes de emigrantes do século XIX em conhecer as raízes de sua origem na Alemanha deu-me a confirmação de que nosso grupo de pesquisa está, já há muitos anos, no caminho certo e trabalha com sucesso. Neste ponto

eu gostaria também de agradecer muito a ajuda do grupo brasileiro de pesquisa. Só juntos alcançaremos o objetivo a que nos propusemos.

Sentimos a obrigação de pagar, no mínimo, as pequenas despesas dos nossos generosos anfitriões em restaurante, pois eles colocaram à nossa disposição sua condução, combustível e seu tempo livre. Quase sempre o conseguimos. Ficamos admirados com o custo de vida muito barato, especialmente da comida e bebida, já que o Real e nosso Marco quase se igualam em valor. Para comparar com nossos preços, em matéria de gastronomia, anotamos o valor pago pela comida.

Também ficamos impressionados com o uso do dialeto westfaliano ainda vivo na fala popular entre os descendentes dos imigrantes da região de Münster¹. O maravilhoso dialeto westfaliano se manteve por mais de cinco gerações sem influência do idioma nacional, o português. Ouvimos antiquíssimas expressões que aqui, no núcleo de origem deste dialeto, já não são mais usadas ou se perderam. Todavia, verificamos que só o “baixo-alemão argiloso” (Klei-plattdeutsch) da Westfália central se manteve entre os descendentes de emigrantes nas sucessivas gerações. Em nossas conversas não percebemos vestígios do “baixo-alemão arenoso” (Sand-Plattdeutsch) da Westfália ocidental.² Soubemos que na “Westfália Brasileira” ainda existem pessoas que só sabem se expressar em alemão e, por exemplo, quando vão ao médico, necessitam da ajuda de intérprete na hora da consulta, caso o médico não souber o referido dialeto.

Achamos interessante uma expressão usada pelos descendentes dos imigrantes alemães no Brasil, no século XIX e XX, e ainda em uso agora. Quando se falava ou se fala da Alemanha, diz-se: “ele vêm do outro lado”³, isto é, da Alemanha. No município de São Martinho há uma pequena localidade chamada Alemanha. Quando uma pessoa, por algum motivo, foi a este lugar, ela diz na volta, vangloriando-se, mas em tom de brincadeira, que esteve “drüben”, isto é, na Alemanha (que para um ouvinte desavisado poderia significar a Alemanha da Europa).

Em momentos de confraternização era habitual oferecer, num copo grande, um preparado feito com várias misturas à base de cachaça. Desse copo, passando de mão em mão, todos bebiam. Valberto contou que, certa vez, um professor visitante, não conhecendo este costume, reteve o copo e bebeu o conteúdo todo, sozinho. A conferência, que depois seria proferida pelo referido professor, foi por água (cachaça) abaixo.

¹ O grande número de descendentes de imigrantes alemães originários da região de Münster, na Westfália, concentrados no vale do Capivari (São Bonifácio e São Martinho) e que ainda fala o Plattdeutsch (dialeto daquela região), motivou Martin Holz a denominar a região do Capivari de “Westfália brasileira”.

² Existem na Westfália duas subregiões: uma com solo mais arenoso e se localiza na parte ocidental, na fronteira com a Holanda (onde se fala o Sand-Plattdeutsch), e a outra, de solo mais argiloso, que se localiza na parte central da região de Münster, onde se fala o Klei-Plattdeutsch. Embora nas duas subregiões se fale o mesmo baixo-alemão westfaliano, há, todavia, algumas diferenças no vocabulário e, sobretudo, no sotaque.

³ Com a expressão “drüben” (além, no outro lado) os imigrantes alemães e seus descendentes queriam dizer: do outro lado do oceano, isto é, da Alemanha.

Até uns 50 anos atrás a cana-de-açúcar foi usada na fabricação de melado e açúcar, foi uma importante lavoura e uma das principais fontes de renda para a maioria dos colonos.⁴ Com a produção de açúcar em grande escala por um preço bem mais baixo nas usinas em outras regiões do país, a produção doméstica entrou em decadência.

Um grande percentual de colonos descendente de westfalianos planta fumo. É, por ora, a fonte de renda mais segura, pois tem seu preço prefixado antes da colheita e da secagem. O processo de secagem, em altas estufas, é hoje, na sua maioria, regulado por um sistema automático de controle da umidade e da temperatura. O sistema tradicional e manual de secagem exigia do colono aprimorada especialização e muita experiência. A secagem tradicional necessitava de um foguista cuidando dia e noite a fim de manter a temperatura constante no interior da estufa. Muitos colonos têm, no rancho anexo à estufa, um quarto com cama onde o foguista pode descansar à noite enquanto cuida do fogo.

No que diz respeito às favelas, gostaríamos de apontar, sem exaustiva e profunda pesquisa, para o que segue. Vimos, principalmente em Florianópolis, por alguns quilômetros, à direita e à esquerda, ao longo da via expressa que liga a cidade à BR 101, miseráveis moradias que, no Brasil, são chamadas favelas. Esses casebres, que segundo nossa compreensão são alojamentos indignos ao ser humano, são feitos com restos de madeira e outro material retirado do lixo e construídos clandestinamente à noite em sistema de mutirão. Apresentam um visual em flagrante contraste com a belíssima imagem da cidade de Florianópolis, com seu nível de vida acima da média. As ocupações ilegais das áreas urbanas ao longo das rodovias são um grande incômodo para a cidade. Se durante o dia famílias são removidas e os casebres destruídos, durante a noite, surgem novos no mesmo lugar. A prefeitura construiu para esses favelados grandes conjuntos habitacionais por um preço acessível e pagável em longas prestações com o objetivo de reintegrar novamente essa gente pobre na sociedade.⁵ Grande parte dos favelados não luta por uma moradia de melhor qualidade, mas prefere a vida no casebre. Muitos deles, bem como seus antepassados, nasceram neste meio e nele preferem ficar. Não conseguimos compreender que uma pessoa de saúde e cidadão de caráter possa cair e ficar em semelhante estado de miséria.

.....

Três palavras caracterizam a trajetória dos imigrantes e seus descendentes no Brasil: primeiro **esquecidos**, depois **odiados** e agora **honrados**. E eu me perguntei qual seria a razão desta afirmação.

⁴ A produção de melado e açúcar mascavo foi importante fonte de renda para os colonos até aproximadamente 1960, quando teve início a produção de fumo.

⁵ As prefeituras de Florianópolis e de São José construíram conjuntos habitacionais e os favelados foram removidos da área ao longo da Via Expressa, que liga a cidade de Florianópolis à BR 101.

Esquecidos: temos a informação que os imigrantes alemães, no século XIX, foram abandonados à própria sorte pelo governo brasileiro depois que receberam os lotes a eles destinado na floresta virgem. Acreditamos que o espírito de iniciativa, o capricho e a vontade férrea foram condições prévias necessárias para um novo começo de vida e que os pioneiros fizeram com seu trabalho o melhor para si e para as futuras gerações.

Odiados: Os brasileiros de origem alemã sofreram duras represálias por parte das autoridades brasileiras durante a Primeira e Segunda Guerra Mundial. A língua alemã, os costumes e o cultivo da vida cultural foram impedidos à força e com drásticos castigos. Para complementar, citamos um breve artigo de Martin Gesler, publicado no Jornal *Frankfurter-Allgemeiner-Zeitung*, de 22 de julho de 1987 sob o título “primeiro esquecidos, depois perseguidos e agora admirados” que dá uma imagem viva dos anos de medo, de espionagem e humilhação dos descendentes de alemães no Brasil.

No final dos anos 30, os habitantes de Pomerode como os demais descendentes de alemães no Brasil, foram atingidos pela política nacionalista do ditador Getúlio Vargas através do decreto 7614, que prescrevia como obrigatória a língua portuguesa e ordenava o fechamento das escolas “estrangeiras” e dos clubes e associações. Quando o Brasil decretou guerra às potências do Eixo em 1942, foi inclusive proibida a língua alemã. Isto levou a fatos curiosos, como crianças brincarem caladas no intervalo das aulas e a mãe tapar a boca dos filhos para impedi-las de pronunciar em alemão a palavra “mamãe”. Um velho pomerano conta que seu pai ficou preso meio dia porque falou em alemão com seu cavalo. Os nomes de localidades em alemão, bem como os de associações, foram todos trocados. Assim, o nome da cidade de Pomerode foi, inclusive, trocado e passou a chamar-se Rio do Texto. Livros e documentos em alemão da comunidade foram encaixotados e enterrados. Após a guerra, quando o alemão foi novamente permitido, os fiéis, ao desenterrar os papéis escondidos, encontraram apenas um monte de papel úmido. Por isso, o período antes de 1924 permanece, para o pastor Liesenberg e seus pomeranos, “um mistério impossível de elucidar”. No início, os teutos desbravadores não tinham tempo para olhar para trás. Então lhes foi tirada a história. As últimas décadas, no entanto, mostraram que, apesar das proibições e perseguições, ocorreu um inevitável desenvolvimento.

Honrados: A retomada das tradições e dos valores culturais e espirituais dos descendentes de alemães deu-se gradativamente após a Segunda Guerra. A herança das virtudes que eles preservaram de seus antepassados imigrantes ajudou-os a serem hoje honrados e reconhecidos através de suas obras.

O organizador de nossa viagem, Valberto Dirksen, planejou em detalhe e com muito cuidado todos os passeios com as necessárias pausas para descanso. Nós simplesmente nos deixamos levar pelos acontecimentos, surpresas e pontos culminantes. Hildegard e eu gostaríamos de agradecer de coração a todos os que

conhecemos no Brasil durante as três semanas, pelo seu acolhimento e calor humano. Quando se aprende a conhecer os brasileiros mais de perto, a gente simplesmente lhes quer bem. Nós e os demais membros do grupo de pesquisa da “Emigração westfaliana para o Brasil”, Alfred Efting de Dorsten, Norbert Henkelmann de Münster e Ingreid Selinger de Rosendahl-Osterwick, desejamos o que de melhor se possa imaginar a todos os descendentes das famílias de westfalianos que emigraram para o Brasil, e a todos os que nós, como representantes, tivemos ocasião de conhecer, o que de melhor se possa imaginar.

Peço aos leitores do Brasil e da região de Münster (Alemanha) que me informem se tiverem conhecimento da emigração de alguém de sua família ou de alguém daquela região para o Brasil. Ficaríamos sumamente gratos se colocassem à nossa disposição cartas de emigrantes. Toda e qualquer informação será de suma importância para complementar nossos dados sobre os emigrantes que já catalogamos.

*Em nome de nosso grupo de pesquisa
“Emigração westfaliana para o Brasil”*

Martin Holz
Elsen 18
D-48720 Rosendahl
martin-holz@t-online.de
www.martin-holz.de

Nossa viagem ao Brasil

De 10.10 até 1.11.1999

Martin e Hildegard Holz

Domingo, 10.10.1999

Às 2:30 horas o despertador dava o sinal para nos arrumarmos para a grande viagem para um outro continente, planejada há muito tempo. Sabina veio às 3:00 horas, para levar-nos com seu carro para o aeroporto de Münster/Osnabrück. Depois de uma viagem com duração de $\frac{3}{4}$ de hora, chegamos às 4:15 ao aeroporto, pontualmente como sempre. Nossas malas foram logo despachadas para São Paulo. Estávamos agora nós dois sozinhos diante da grande viagem. Sabina tomou o caminho de volta para casa com o pensamento de nos buscar no mesmo aeroporto no final de nossa viagem, com saúde.

Com um Boeing 737 (103 lugares), levantamos vôo às 6:30 horas e aterrissamos

às 7:15 em Frankfurt. Após uma demorada espera, decolamos num MacDonnell Douglas (MD 11), com 267 lugares, da empresa aérea brasileira Varig, às 12:13 horas rumo a São Paulo.

O capitão Marcos Passos, seu co-piloto e dois engenheiros de bordo proporcionaram um vôo sem dificuldades. O restante da tripulação eram 12 comissárias e comissários. Vencemos os 9.804 km de Frankfurt a São Paulo em 11 horas, numa altura média de 10.700 m. Tínhamos dois lugares reservados, um ao lado do outro, o que nos dava um pouco mais liberdade para nos movermos. Saboreamos primeiramente uma cerveja gelada. Durante a viagem nos serviram abundantemente comida e bebida. Através do monitor de bordo era possível acompanhar com regularidade a rota da aeronave com a localização das principais localidades sobrevoadas, altitude, temperatura externa e distância em quilômetros do lugar de destino, São Paulo. Como passatempo podíamos nos entreter com leituras ou assistir filmes sincronizados com fone de ouvido. Martin fazia de vez em quando um passeio através do enorme “pássaro” para relaxar suas juntas. Após um tranquilo vôo sem turbulências, aterrissamos em São Paulo às 19:38 horas.

Primeiro fomos apanhar nossas malas na esteira rolante e levá-las do setor internacional, para a zona nacional da alfândega. Fizemos isto tranquilamente mas, para surpresa nossa, quem veio ao nosso encontro?

Vimos então, como se tivesse sido combinado, o padre Raimundo Weihermann. Para se identificar, mostrava escrito numa folha em grandes letras as palavras “Martin und Hildegard”. Após os cumprimentos, convidou-nos para tomar um café. Queria conhecer-nos e nos ajudar no embarque do vôo para Florianópolis. Contra a nossa vontade, pagou as taxas de embarque. Agora tínhamos tempo para conversar. Martin presenteou-o com o livro “Elsen”, de sua autoria e com a genealogia da família Weihermann até onde as pesquisas permitiram chegar. Falou sobre seu parentesco com a família Voeding. Depois que Pe. Raimundo Weihermann terminou de esclarecer-me sobre a maneira habitual de saudação brasileira, isto é, três beijinhos alternadamente nos lados da face, aguardamos numa outra sala de espera a continuação do vôo. O tempo não se tornou demorado por causa de nossas conversas. A maneira brasileira de nos despedir do Pe. Raimundo foi muito cordial. Sua ajuda foi muito importante para nós. Da plataforma de embarque fomos levados de ônibus, pela pista do aeroporto, até a aeronave que decolou com um considerável atraso. Acho sempre muito emocionante subir os degraus da escada de embarque para um avião. Um rápido olhar para trás e logo a viagem seguia pelo espaço aéreo. O mar de luzes da grande São Paulo, que se observa do avião, era simplesmente fascinante. Em 40 minutos vencemos a distância até Florianópolis.

Valberto já estava bastante preocupado, pois nossa aeronave, também um Boeing 737, era a última a aterrissar naquele dia em Florianópolis. Por isso, ele já havia

telefonado ao Pe. Raimundo Weihermann, que já havia retornado do aeroporto, sobre os motivos do atraso. Soubemos então de Valberto que Pe. Raimundo já havia feito os 50 km de travessia da cidade de São Paulo, de Cumbica até Santo Amaro, onde se localiza o provincialado dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Tínhamos que nos acostumar com as enormes distâncias.

Estávamos felizes quando, finalmente, pudemos cumprimentar Valberto. A alegria era grande de ambas as partes. Já era meia noite. Dulce esperava por nós em casa. Tomamos uma xícara de chá e caímos cansados na cama. Valberto tem uma casa nova muito bonita, na qual a gente se sente bem e à vontade. Havíamos chegado ao primeiro destino de nossa grande viagem.

Segunda feira, 11.10.1999

Dormimos até as 9:00 horas. Após o café, saímos com Valberto em seu robusto VW. Primeiro mostrou-nos belíssimos lugares com visão panorâmica. Em seguida visitamos o comércio. Tudo muito grande, como de praxe, na América. Ao meio-dia almoçamos num restaurante onde se paga a comida por peso, um método novo de calcular que ainda não conhecíamos. Eu (Hildegard) comi por 1,98 reais. O valor da moeda brasileira, o Real, e o da moeda alemã, o Marco, praticamente se equivalem. Depois do almoço, permitimo-nos um descanso. Depois Valberto levou-nos ao banco para trocar dinheiro e mostrou-nos com toda a calma a interessante parte antiga de Florianópolis. Por 10 reais comprei pedras polidas semipreciosas, de um vendedor de rua, numa barraca na Praça da Figueira. Jantamos em casa. Às 21:30 fomos dormir.

Terça feira, 12.10.1999

Após o café da manhã, pelas 10:00 fomos, por estradas bastante irregulares, até o litoral. Casas velhas. Praias belíssimas a perder de vista. Naquele dia, o mar estava muito agitado. Valberto não se cansava em explicar-nos tudo. Dulce, que frequenta um curso de alemão, entende um pouco de nosso idioma. Almoçamos num lugar que não agradou muito a Valberto. Com a troca de dono do restaurante, decaiu a qualidade da comida. Contudo, iguarias, sobretudo a banana à milanesa, eram saborosas. Em seguida, tiramos uma sesta até as 15:00 horas. Após uma boa xícara de café, sentimo-nos renovados para mais um passeio pelas praias da ilha de Santa Catarina.

Valberto nos falou dos aterros em volta da cidade para melhorar o sistema viário. Nos últimos 40 anos, grandes áreas marítimas foram aterradas como, por exemplo, o aterro da baía sul onde se encontram as duas pontes de ligação entre a ilha e o continente e o aterro ao longo da baía norte, onde foi construída a via expressa “beira mar norte”.

Florianópolis é a capital do estado de Santa Catarina e localiza-se na ilha do mesmo nome. Um ditado local diz que a extensão das praias é superior ao perímetro da ilha. Isto se compreende quando se toma em consideração que há na ilha lagoas, algumas internas e outras com ligação para o mar. Florianópolis tem, entre grandes e pequenas, em torno de 100 praias, um aeroporto internacional, uma boa e diversificada rede de hotéis, muitos restaurantes e bares e, acima de tudo, uma população muito acolhedora. A ilha, com 51 km de comprimento e 18 km de largura, é atravessada em todas as direções por estradas asfaltadas, trilhas, dunas, rios e riachos e muito mais. No coração da ilha há um mar interno com ligação para o oceano. É a Lagoa da Conceição, cantada e rimada por músicos e poetas até os dias atuais. Apesar do moderno desenvolvimento, Florianópolis preservou viva sua cultura, tradições e costumes. Antigas encenações como “Boi-de-mamão” e “Pau-de-fita” podem ser vistas na ilha. Também o artesanato tem seu lugar garantido. Encontram-se para ver ou para comprar peças como cestos de palha ou vime e peças em cerâmica. Aos domingos acontecem feiras de artesanato na praça XV de Novembro. Vale a pena visitar também a variedade de organizações no centro de Florianópolis.

A cidade oferece muitas e variadas atrações turísticas: a fortaleza de Anhatomirim, construída em 1739; o Forte Sant’Ana (hoje, museu das armas), construído em 1761; a Catedral Metropolitana; a ponte Hercílio Luz, uma das maiores pontes pênséis do mundo; diversos museus e outras coisas mais.

No Morro das Pedras, diante da Casa de Retiros dos Padres Jesuítas, contemplamos uma belíssima paisagem das praias do sul da ilha. Lá nos encontramos com um turista do Uruguai. Ele tomava, de uma cuia, com bombinha, um chá denominado chimarrão. Ofereceu-me a cuia e, como recusar um chimarrão é visto como falta de cortesia, aceitei-a. Valberto ficou surpreso quando aceitei a oferta. Faltava ao homem um dos dentes inferiores e na fresta entre os dentes segurava confortavelmente a bombinha enquanto tomava o mate. Helmuth Storz disse-nos que o chimarrão deve ser tomado tão quente que, se cuspidos num cachorro, deixa uma mancha sem pelo no animal.

Seguimos adiante até o mar. Pescadores trabalhavam nos seus barcos e redes. Isto na praia Pântano do Sul. Ali existe um restaurante típico (o famoso “bar do Arantes”), de madeira rústica, onde cada visitante deixa registrado uma mensagem ou endereço escrito em pedaço de papel ou guardanapo e colado em algum lugar na parede ou no teto. Muitos atores e artistas conhecidos e outras personalidades notórias de nome e dignidade do mundo inteiro deixaram registrado aí seus nomes para perpetuar a memória. O proprietário brindou-nos com uma excelente cachaça servida em copos de argila. Martin fez uma foto de mim e do dono do restaurante.

Na volta para casa visitamos um amigo de Valberto, um padre do Sagrado Coração de Jesus que, até sua aposentadoria, era professor na Universidade Federal de

Santa Catarina. A subida para a casa onde ele mora é tão íngreme que ficamos com medo e desembarcamos. O trecho mais forte Valberto subiu sozinho e nós fomos a pé. Padre professor Raulino Busarello (de origem italiana) já esperava por nós. O cordial amigo brindou-nos com cerveja e petiscos. Passamos com ele alguns minutos em alegre conversa. Seu sonho é construir no terreno ao lado da casa onde mora, um prédio para biblioteca. O fundamento e a laje térrea já estão prontos há anos. Conseguirá ele realizar seu sonho? A despedida foi muito cordial. Padre Busarello (*28.3.1922) está, lá no alto, realmente um pouco mais perto do bom Deus. Mora numa casa grande, espaçosa e magnífica, com piscina nos fundos. Na frente tem-se uma belíssima visão panorâmica de toda a baía sul. Os belos colibris e outros pássaros, plantas típicas e a mata virgem, que em parte cobre a encosta do morro, dão um encanto especial ao lugar. Com ele moram três estudantes universitários como pensionistas. Quem não precisa ir até lá, não deve subir o morro ou, pelo menos, não subi-lo de carro. A descida só foi possível com a ajuda de Deus e de bons freios. Estas são impressões que realmente a gente não esquece. Completado nosso programa do dia, jantamos e, por volta das 21:30 horas fomos dormir.

Quarta feira, 13.10.1999

Antes do café, como oração da manhã, li alguns versículos da bíblia como acontece todos as manhãs na casa de Valberto. Partimos com Valberto às 7:30 horas para Brusque. Lá visitamos a grande e moderna igreja paroquial. Valberto trabalhou lá quatro anos como pároco. Uma belíssima e, na minha opinião, moderna igreja. O engenheiro e arquiteto foi Gottfried Böhm, de Colônia (Alemanha). Infelizmente a igreja não tem boa acústica, como observou Valberto. Visitamos também uma grande casa de retiros localizada numa colina e cercada de um belíssimo bosque. A casa, chamada “Casa Padre Dehon” pertence à Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Valberto foi um dos idealizadores do projeto e trabalhou também na execução da obra. Igualmente atuou lá por vários anos na direção da casa. Fez também o ajardinamento e embelezamento externo com árvores nativas, palmeiras e outras plantas ornamentais. Ficamos admirados com os trabalhos que Valberto já realizou ao longo de sua vida para a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Valberto encontrou vários funcionários e funcionárias que com ele trabalharam e, no centro da cidade, cumprimentou alguns antigos paroquianos que ainda se lembravam dele. As ruas da cidade estavam enfeitadas, pois realizava-se a Festa Nacional do Marreco. Fomos ainda a Azambuja, denominado “Vale dos Milagres”, onde visitamos o belíssimo santuário dedicado a Nossa Senhora do Caravaggio. Bem próximo da igreja existe uma gruta cuja água fresca, que brota de uma fonte, é considerada milagrosa. O peregrinos recolhem da água em recipientes e a levam para casa ou dela bebem na gruta

mesmo. Provei também da água e enchi uma garrafinha para a continuação da viagem. Diante do quadro de Nossa Senhora havia pelo menos 150 flores de antúrio.

Colonizada por alemães, italianos e poloneses, Brusque notabiliza-se pelos produtos têxteis que, em virtude d preço e da boa qualidade, atrai comerciantes e investidores de todo o Brasil e do exterior. Sem dúvida, vale a pena visitar Brusque pelas múltiplas atrações turísticas.

O Parque da Caixa da Água

O parque situa-se quase no centro da cidade e oferece aos visitantes, através de um teleférico, uma visão panorâmica da cidade. O teleférico, com uma extensão de 578 metros, une o parque ao zoobotânico. No mesmo lugar pode-se visitar ainda uma mini-fazenda e um avião bimotor da Segunda Guerra Mundial.

O Vale de Azambuja

Um complexo religioso situado a 3 km do centro da cidade. Constitui-se de um hospital, um asilo, casa do peregrino com alojamentos para romeiros, o santuário, a gruta, o seminário arquidiocesano e um museu. A história do santuário registra muitos milagres atribuídos a Nossa Senhora do Caravaggio. A festa realiza-se no terceiro domingo de agosto.

Parque dos Saltos

A 13 km do centro da cidade encontra-se o Parque das Quedas d'água, que oferece uma belíssima visão de diversas quedas d'água em meio a uma natureza ainda intocada.

A Festa Nacional do Marreco teve seu início em 1986 com o objetivo de oferecer aos visitantes da cidade de Brusque uma atração típica: “marreco assado servido com couve roxa”. Acompanha o prato típico: purê de batata, saladas e cerveja. Nesta festa, além de muita música e cerveja, são mostrados também os principais produtos da região. A festa realiza-se no centro de convenções Maria Celina Vidotto Imhof, numa área de 55.000m².

O Parque Zoobotânico

O Parque Zoobotânico em Brusque, tem uma área de 120.000m² e abriga 640 espécies de animais dos quais 73 répteis, 82 mamíferos e 485 aves e pássaros. Muitos dos animais que aqui se encontram estão, inclusive, ameaçados de extinção. É um belíssimo passeio andar pelos caminhos do parque no meio do mato e olhar os bichos, as muitas espécies de plantas e flores. O mais interessante é o setor Amazonas onde se encontra uma amostra da vegetação daquele estado. Muitas espécies de bromélias, orquídeas e grande número de animais silvestres ameaçados de extinção tais como jacutingas, caxinguelês, pacas, sabiás, macucos, entre outros, são aqui criados em cativeiro.

De lá seguimos para a localidade de Dom Joaquim, onde mora a família de Júlio

Boeing, que já nos havia visitado em Rosendahl. Pedro Boeing, que mora em Balneário Camboriú, também já havia chegado. Fomos recepcionados num clima de grande alegria. Há sete anos construíram uma casa nova, que compreende sala de estar, quartos e banheiros. Júlio disse que a casa antiga havia sido mal construída e que fora necessário demoli-la. A nova casa, pintada de branco, foi construída em formato retangular, com um corredor central donde se tem acesso aos diversos quartos. Júlio é um homem alegre e de extraordinário espírito de humor que brota naturalmente de seu íntimo. Zenir Boeing, nascida Kreuzsch, é uma mulher que sabe pegar junto na lida diária e não se amedronta com a tarefa de carnear um boi. Teve oito filhos dos quais o mais novo faleceu quando criança. A filha Irma é religiosa e os demais são casados e estão profissionalmente bem colocados.

Renatus, irmão de Júlio, é padre da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus. Foi o primeiro que, após a emigração dos antepassados em 1862, procurou os parentes em Bocholt e novamente reatou os laços de parentesco que haviam se rompido com o passar do tempo. Ele estudou em Roma e teve a oportunidade de passar as férias junto aos parentes em Bocholt. A 5 de julho de 1964 padre Renatus celebrou sua primícia de neo-sacerdote, como não podia deixar de ser, junto dos parentes em Bocholt.

Na grande cozinha, a mesa comprida já estava posta para o almoço. Somando filhos, genros, noras e três netos de Júlio e Zenir, éramos aos todo 15 pessoas. Foi servido couve com batata amassada, arroz, couve-flor, feijão de vara, cenoura, um suculento assado de porco, carne de gado assada e talhada em finas fatias e frango frito. Após o prato principal, foram servidas várias bandejas com frutas da região. Estas frutas, acariciadas pelo sol brasileiro, eram doces, suculentas e muito saborosas. Para nós, que não conhecíamos essa variedade de frutas, já era um prazer só em olhar esta abundância.

Antes da refeição fez-se uma oração em conjunto e em voz alta e concluída por Júlio. Ele agradeceu a Deus pela nossa visita e pediu a Deus para que nos protegesse durante nossa permanência no Brasil. Após o almoço, foram cantadas diversas canções alemãs. Um jovem acompanhou a cantoria com o violão. Foi uma experiência singular sentir a hospitalidade e a convivência familiar da família de Pedro Boeing.

Após o almoço, Júlio e Zenir nos mostraram a segunda fonte de renda da família, que eles desenvolvem, além da atividade agrícola. Estávamos subitamente numa padaria organizada com muito amor e capricho. Salta à vista o grande e moderno forno elétrico. Ao longo das paredes havia prateleiras, onde se encontram enfileiradas grandes latas com os doces já prontos. A farinha, pelo que vimos, era fornecida em sacos.

Nessa padaria, Júlio e Zenir fazem, com muita dedicação, apenas bolachas nos mais variados formatos e sabores para venda doméstica. Eles tinham naturalmente um bom número de latas cheias de doces que nós, após o farto almoço e com a barriga

cheia, ainda tivemos que provar um a um. A grande procura pelo produto é sinal de boa qualidade.

Júlio mostrou-nos as palmas das mãos e disse: “Minhas mãos parecem ser as de um padre? É um sinal evidente que nós trabalhamos em casa na padaria e os filhos na lavoura”. Zenir disse: “Quando estamos prontos com nosso serviço e temos vontade, Júlio e eu saímos para passear”.

Emocionados, nos despedimos da extraordinariamente amável e acolhedora família Boeing. Martin e eu pensamos se ainda algum dia os veremos pela terceira vez.

No trajeto de volta para Brusque, Valberto disse, ou melhor, parecia estar pensando alto: “Não conheço pessoa que tenha um caráter mais sincero quanto o de Júlio. Creio que ele não seria capaz de praticar uma injustiça, nem sequer em pensamento. Júlio é um homem honesto e de grande valor”.

De Brusque seguimos viagem para Gaspar. Lá visitamos a igreja de São Pedro, construída em estilo gótico. Da igreja tem-se uma belíssima visão panorâmica do vale e do rio Itajaí que nos acompanhou por muitos quilômetros em nossa viagem. De lá seguimos em direção a Rio do Sul. Passamos por Blumenau que estava festivamente enfeitada para a Oktoberfest. Era necessário dirigir com o máximo de cuidado pois as ruas estavam tomadas por grupos de cantores e bebedores de cerveja. Estávamos em Munique ou em alguma outra cidade num outro continente? Durante três semanas acontece a Oktoberfest em grandes salões (PROEB) ou em restaurantes particulares. Visitamos ainda a catedral São Paulo Apóstolo cujo projeto e construção é também de Gottfried Böhm, de Colônia, o mesmo que construiu a matriz de Brusque. Atrás do altar há uma grande rosácea talhada em pedra. A igreja, no seu todo, é muito bonita pois é toda construída com blocos de pedra natural cor-de-rosa. A parede de vidro ao lado do altar dá a impressão de um enorme cortinado. Visitamos, ainda em Blumenau, o empresário Mário Hellmann e sua prima Josefina Hellmann. Mário Hellmann fala fluentemente o alemão clássico, que ele deve certamente aos constantes contatos comerciais com a Alemanha. Tanto ele quanto sua prima Josefina, que é uma professora aposentada, estão muito interessados na genealogia da família Hellmann. Josefina está escrevendo um livro sobre Vargem do Cedro, sua terra natal. Josefina também fala fluentemente alemão. Valberto havia previsto uma visita ao arquivo e Martin não perdeu a oportunidade para estabelecer contatos com a direção do mesmo em vista de futuras pesquisas sobre emigração alemã para o Brasil.

Fundada em 1850 pelo Dr. Hermann Blumenau e colonizada por imigrantes alemães, Blumenau é o modelo exemplar e símbolo da colonização alemã no Brasil.

A cidade de Blumenau é um importante pólo industrial. Destaca-se a indústria têxtil, que se aperfeiçoa e se moderniza cada vez mais para conquistar o mercado latino-americano e de outras partes do mundo. As marcas mais conhecidas são Hering, Sulfabril, Teka, entre outras. A infra-estrutura de Blumenau e, em conseqüência, tam-

bém toda a região, não vale apenas pelo título de “cidade tipicamente alemã” mas surpreende até o próprio visitante da desenvolvida Alemanha. As autoridades municipais de Blumenau, Pomerode e outras cidades do Vale do Itajaí, bem como a iniciativa privada, combatem a poluição e investem na preservação da natureza. O comércio de Blumenau é um dos mais desenvolvidos de Santa Catarina e lida principalmente com produtos têxteis de cama, mesa e banho, bem como móveis e decorações e material esportivo. Há também empresas fornecedoras de matéria-prima. Anualmente os empresários organizam congressos, exposições e feiras com os mais variados produtos fabricados em Blumenau desde informática, produtos hospitalares, têxteis, metal-mecânicos e outros. O grande inimigo de Blumenau são as enchentes, que prejudicam terrivelmente a cidade, como as mais recentes em 1983 e 1984.

A grande atração turística de Blumenau é a Oktoberfest. É a segunda maior festa popular do Brasil e a segunda maior festa da cerveja do mundo. A Oktoberfest tornou-se o maior evento turístico de Santa Catarina. Teve início após as grandes enchentes de Blumenau em 1984 e agora atrai anualmente milhares de visitantes. Durante a festa que se prolonga por três semanas, há diariamente desfiles folclóricos, bandas musicais e outras atrações para entretenimento dos turistas que lotam a cidade. A festa realiza-se nos 5 pavilhões da PROEB com apresentação de shows de bandas alemãs e brasileiras com músicas de todo o tipo e para todos os gostos. A cozinha alemã também está presente com os mais variados pratos. Para quem quer levar uma lembrança, o comércio oferece enorme variedade de souvenirs como trajes típicos, chapéus, canecos e outros objetos com símbolos típicos da festa.

Ao entardecer deixamos Blumenau e, seguindo pelo Vale do Itajaí acima, chegamos em Rio do Sul por volta da 20:00 horas em casa de Olinda, irmã de Valberto. Seu marido, Vital Marchi, é de origem italiana. Ambos se alegraram muito com a nossa chegada. Após o jantar, conversamos um pouco, em dialeto Westfaliano, e a seguir nos deitamos. Não muito distante da casa e durante horas a fio, um pássaro noturno gritou num tom muito estridente e monótono de sorte que não pude dormir. Valberto, não querendo ficar sem o agradável ar fresco da noite, não fechou a janela e por isso teve várias vezes a visita de um gato doméstico em seu quarto.

Quinta feira, 14.10.1999

Dormimos até as 8:00 horas e então tomamos café. Após a refeição fomos até o centro da cidade de Rio do Sul. Primeiramente visitamos a grande igreja catedral. É belíssima. Cores claras como de costume aqui na Alemanha; bonitos bancos de madeira bem lisa. Nesta igreja, como nas outras que visitamos, ouve-se uma suave música que infunde uma grande paz de espírito. Valberto e Martin tiveram uma breve conversa com o padre Thiago Heinzen cujos antepassados são originários da região do Hunsrück na

Alemanha. Em seguida andamos pela cidade. Um vendedor ambulante nordestino oferecia redes. Valberto, que já conhece esse tipo de negociantes, pechinhou o preço de uma (rede) por 20,00 reais cujo valor inicial pedido era de 35,00 reais. Compramos a rede, que levaremos como lembrança para dar de presente aos nossos netos. Meus dois acompanhantes, Martin e Valberto, queriam ainda encontrar-se com uma determinada pessoa. Valberto achou facilmente a casa. Subimos os degraus da escada e, logo que chegamos no primeiro andar, Valberto falou com uma senhora que lhe disse que aquele senhor que procurávamos havia saído mas que voltaria logo. Aguardamos na sala de espera. Uma porta aberta deixava ver uma bonita capela doméstica. Então surgiu, por um canto, do corredor, aquele senhor pelo qual esperávamos. Calçava sandálias, vestia uma blusa de tricô colorida e um boné na cabeça. O grande anel em seu dedo na mão direita não combina em absoluto com o seu traje, pensava eu. Martin e Valberto logo o cumprimentaram e ele perguntou, no dialeto westfaliano, “vocês também sabem falar alemão”? Sentei-me, pasmada. Então disse-me Martin: “Hildegard, estás sentada diante de um bispo”. Então dei-me conta de quem se tratava e mudei imediatamente de atitude. É um homem alto e imponente, de 72 anos. Os antepassados de Dom Tito Buss são originários de Stadlohn. Ele fala fluentemente o dialeto westfaliano. Antes que terminássemos nossa conversa em westfaliano, Martin pediu-lhe a bênção episcopal, que ele nos concedeu com toda a solicitude e solenidade em sua capela doméstica. Deu a Martin cópia de suas anotações genealógicas sobre a família Buss e Oening. Depois mostrou-nos as dependências e a aparelhagem de seu consultório de psicoterapia. Tive que deitar-me numa maca e, depois de ligar em mim vários eletrodos e ao som de uma suave música, massageou meus dedos. Foi uma experiência única quando penso que uma mulher de Osterwick esteve deitada diante de um bispo. Se tivesse sabido antes, não teria sido tão ingênua e, sim, mais séria. Despedimo-nos e seguimos nosso caminho.

Quando chegamos em casa, o almoço já estava pronto. Olinda serviu-nos arroz, empadão, carne de porco assado, legumes e sobremesa; tudo muito saboroso. Despedimo-nos, pois tínhamos ainda 200km a percorrer até Florianópolis por uma estrada, por sinal, muito bonita. Próximo de Ituporanga, na localidade de Santa Tereza, visitamos o cemitério onde está sepultada a bisavó de Valberto, Carolina Haverkamp Dirksen nascida em Coesfeld. Entre entulhos, num canto do cemitério, Valberto encontrou a antiga pedra tumular de Carolina com a inscrição sepulcral em bom estado de conservação, que ele pretende preservar em lugar seguro para a memória da família. Carolina havia sido exumada recentemente e transferida para um mausoléu da família. Valberto estava sempre atento para nos informar e nos pôr bem ao par de tudo sobre a terra e o povo por onde passávamos.

A certa altura, Valberto deixou subitamente a estrada asfaltada e, engatando a primeira marcha no carro, subiu um morro por uma estrada bem íngreme e mal conservada. Só um experiente motorista podia fazer este caminho. Acredito que em

nossa barriga não ficou nada no lugar original. Estávamos preocupados com o estado de saúde do carro, mas Valberto nos disse que no Brasil os automóveis são fabricados tendo em vista das estradas ruins e que ele tinha experiência em dirigir por estradas assim acidentadas. Finalmente chegamos no alto do morro do Campo da Boa Vista com mais de 1.000 metros de altura. A visão panorâmica era tão ampla que parecia ser possível enxergar até o fim do mundo. Tínhamos a sensação de estar bem perto de Deus. No alto do morro, um silêncio absoluto quebrado apenas pelo sibilar do vento. Na viagem de volta era quase possível tocar nas nuvens. Estava contente por estarmos novamente em baixo, sãos e salvos. Continuamos nossa viagem, como já disse, por uma boa estrada. Perto de Florianópolis Valberto abasteceu o carro. Menos de 500 metros adiante acendeu uma luz vermelha no painel. Faltava água no radiador. Valberto parou o carro na bifurcação da pista diante do trevo que cruza a BR 101. O lugar, embora cômodo, era perigoso pois o trânsito era intenso e anoitecia. Havia se rompido a mangueira que leva a água do radiador para esfriar o motor. Veio um mecânico que, por 20,00 reais, consertou provisoriamente a peça. Martin já havia detectado o problema antes que o mecânico chegasse. Por volta das 20:00 chegamos em casa cansados, principalmente Valberto, que estava exausto. Havíamos percorrido, em dois dias, 700 a 750 km, dos quais pelos menos a metade por estradas ruins, inseguras e esburacadas. Nas cidades por onde passamos as ruas eram pavimentadas com paralelepípedos. O carro dava muitos solavancos por causa da irregularidade dos paralelepípedos mal assentados e muito irregulares. Por causa da trepidação e do barulho era quase impossível conversar durante a viagem. Estávamos com pena de Valberto por tudo o que estava fazendo por nós.

Sexta feira, 15.10.1999

Após o café da manhã, pelas 8:00 horas, Valberto levou o carro para a oficina a fim de concertar a mangueira do radiador que ontem havia sido arrumada apenas provisoriamente. Dulce lavou nossa roupa. Fomos com Valberto até o banco para trocar dinheiro. Dois guardas cuidavam da porta de entrada. Martin não conseguiu passar pela porta de segurança porque tinha um pequeno canivete no bolso da calça. Após a entrega do canivete aos guardas, que ficaram com o “perigoso” utensílio durante nossa permanência no banco, o caminho estava livre para Martin. Nunca tinha visto tantos clientes num banco. Os clientes podiam assistir televisão e servir-se um cafezinho enquanto aguardavam a vez diante do enorme balcão de atendimento.

De lá fomos à Universidade onde Valberto trabalha. Tivemos apenas uma visão geral do grande campus universitário. Após o almoço, descansamos até as 15:00 horas. Valberto e Martin foram ao arquivo do bispado onde se encontraram com algumas pessoas com as quais Martin já tivera contato por escrito há mais tempo. Estiveram

presentes no encontro o bispo Dom Vito Schlickmann, cujos antepassados são originários de Schöppingen, Aderbal Philippi; sua esposa Else como tradutora, Evaldo Hemkemeier e Valberto. Martin agradou-se muito do arquivo do bispado. A boa vontade e o grande interesse dos genealogistas, historiadores, pesquisadores da emigração e autores de livros, que se envolveram com a emigração alemã para o Brasil no século XIX, foi a recompensa de todo um ano de trabalho do “Grupo de pesquisa da emigração westfaliana para o Brasil”. Valberto convidou Martin para participar de sua palestra sobre movimentos migratórios que ele proferiu à noite no Instituto Estadual de Educação, no centro da cidade. Martin ficou vivamente impressionado com os conhecimentos e a habilidade com que Valberto discorreu sobre o tema.

À tarde, fui primeiro com Dulce e ao mercado e depois passei roupa. Dulce tem três rapazes: o mais velho, Ivan, estuda e mora em Brusque, o do meio, Cláudio e o mais moço, Rafael, estudam em Florianópolis e moram com Dulce e Valberto. Cláudio e Rafael eram muito cordiais, abertos e atenciosos.

Sábado, 16.10.1999

A regra roje era levantar cedo. Já às 7:00 partimos para Armazém. Chegando lá, padre Sérgio cumprimentou-nos com seu costumeiro ar de jovialidade e acolheu-nos em sua nova casa paroquial com uma gostosa xícara de café. Estava marcado para as 10:00 o início da celebração das bodas de ouro do casal Emílio Berkenbrock e sua esposa Nilsa, nascida Michels. O tempo urgia e nós nos dirigimos à igreja. A belíssima e acolhedora igreja estava maravilhosamente enfeitada com calêndolas brancas. Crisântemos amarelos e brancos laços de fitas ornavam os bancos. Dentro da igreja todos os que falavam alemão, sobretudo os que sabiam o dialeto westfaliano, se apertavam à nossa volta. Também dois padres nos cumprimentaram cordialmente em alemão. Então entrou festivamente o casal jubilar com seus filhos e netos. Imediatamente os fiéis e convidados fizeram silêncio. O coral cantou hinos com belas melodias. Cinco padres e um diácono celebraram a missa. Quatro padres que vieram de paróquias vizinhas quiseram, com sua presença e concelebração, demonstrar ao casal jubilar seu apreço e sentimentos de solidariedade. Um cantor dirigia com voz forte a missa de bodas. Exercia seu ofício com muito mais desenvoltura que entre nós; poderia ser qualificado como dirigente da missa. Padre Sérgio cumprimentou o casal jubilar e apresentou um breve currículo em português, em alemão clássico e no nosso maravilhoso dialeto westfaliano. Em seguida falaram os filhos, alguns parentes e amigos do casal. De modo muito especial, nós fomos cumprimentados. Foi-nos pedido que fôssemos até o altar para nos apresentar. Vocês podem imaginar o que eu senti quando, ao subir os degraus do altar, me volvei de frente para o povo, numa igreja lotada? Um aplauso espontâneo dos fiéis diminuiu um pouco a minha inibição.

Martin fez nossa apresentação com toda tranqüilidade, como se fosse algo bem normal. Padre Sérgio traduziu tudo o que Martin dizia a respeito de sua pesquisa sobre emigração. Após a alocução de Martin, fomos novamente contemplados com uma calorosa salva de palmas. Eu estava contente quando finalmente pudemos retomar nosso lugar no banco. Padre Silvino Höpers, 50 anos, cujos antepassados vieram de Südlöhn-Oeding, pegou o microfone e apresentou uma canção de belíssima melodia. O texto dizia respeito à vida do casal jubilar Emílio e Nilsa Berkenbrock. O refrão era cantado por todos os fiéis na igreja. Nós não pudemos reter nossas lágrimas de emoção. No ano vindouro padre Silvino Höpers quer gravar um CD. Após a missa, Martin lhe disse que com este cântico ele abriu os céus para que os coros celestes participassem da solenes bodas de ouro. Duas netinhas, graciosamente vestidas, trouxeram as alianças de ouro e um ramallete dourado para o casal jubilar; em seguida vieram os filhos com presentes. O “noivo”, como ele nos disse mais tarde, perdeu seu anel dourado logo após a missa. E acrescentou que teria sido pior se tivesse perdido sua Nilsa. As testemunhas, nós e todos os casais presentes tivemos que dar-nos as mãos para receber novamente a bênção matrimonial.

Um coro de Vargem do Cedro (a “capital mundial das vocações”), com trajés típicos, abrilhantou com seus cânticos a missa jubilar. Após a missa foram feitas muitas fotos diante do altar. O ambiente era festivo mas também descontraído. O cantor solista padre Silvino Höpers fez sinal com o polegar indicando a Martin que tudo transcorreria perfeitamente durante a missa.

A missa terminou às 12:00 horas, após duas horas de celebração. Com Júlio Boeing e sua esposa nos dirigimos ao clube da comunidade. Compareceram mais de 500 convidados. Três grandes mesas estavam arrumadas com toda a espécie de comidas. Um dos cozinheiros, junto à uma mesa, cortava incansavelmente, em pequenos pedaços, assados, a carne de gado e de porco e os servia aos convidados. Tudo era muito saboroso. Após o almoço, padre Silvino Höpers reuniu à sua volta todos os descendentes de origem alemã e com eles entoou canções alemãs com tamanho vigor e entusiasmo como eu nunca tinha visto antes. Subitamente ouviu-se: “E quando um dia ele morreu, foi levado ao cemitério e, de peito estufado, todos cantaram: o sujeito ainda está com sede” (de cerveja!). Quando os brasileiros descendentes de alemães cantam canções alemãs, levantam-se para mostrar sua fidelidade à germanidade.

Estávamos sentados com convidados de fala alemã com quem Martin já tinha se correspondido. Foi então mostrado um vídeo sobre a família do casal Berkenbrock. Demorou certamente uma hora e meia até que todos os filhos/as com esposa/o, irmãos/ãs com esposa/o e parentes tivessem falado e chegasse a vez de falar na fita. Após o filme sobre a vida do casal Emílio e Nilsa Berkenbrock, foi cortado o grande e saboroso bolo das bodas de ouro e servido café. Às 16:00 horas, como havia sido combinado, Valberto veio buscar-nos no salão de festas. Após a despedida dos

convidados e do casal jubilar, partimos rumo a São Bonifácio.

Ninguém em Osterwick pode imaginar que ainda existem caminhos praticamente intransitáveis. Viajamos 60 km ou mais por uma estrada cheia de buracos, lama e lodo. A viagem não tinha fim. Eu estava totalmente exausta. Valberto, no entanto, é um bom motorista e enfrentou com bravura todas as situações que me pareciam difíceis e insuperáveis. Os parentes de Valberto, nossos anfitriões, que nos acolheram com muita alegria, já nos esperavam. Loreno e Roseli nos serviram café com pão. Isto nos reanimou.

Em São Bonifácio estava previsto que participaríamos numa missa às 19:00 horas, a segunda deste dia. Dona Hilda, de 72 anos, prima de Valberto, acompanhou-nos para a missa, de chinelo de dedo num tempo frio e de chuva. Ficou sentada ao meu lado na igreja. Durante a missa foram cantadas hinos cujas melodias nós conhecíamos. Terminada a missa, que susto! Novamente Valberto, Martin e Hildegard Holz tinham que apresentar-se diante da comunidade. Portanto, novamente para o altar! Após a apresentação, Martin falou brevemente a respeito de sua pesquisa sobre a emigração cujo assunto foi em seguida aprofundado no salão paroquial.

O prefeito convidou a todos nós, bem como as demais pessoas interessadas da comunidade em saber algo sobre a origem de seus antepassados, a comparecer no salão paroquial após a missa. Lá estávamos sendo aguardados por pessoas interessadas no assunto do encontro. Dois grupos de crianças estavam a postos em trajes típicos para saudar-nos com danças folclóricas. Novamente estava preparada, na frente, uma mesa para os anfitriões e convidados de honra. Martin, Valberto, o prefeito e o pároco tomaram lugar.

Primeiramente saudou-nos o prefeito. Ele agradeceu nossa vinda da terra de origem na Alemanha donde veio a maioria dos antepassados de São Bonifácio. Então falou Valberto sobre o movimento migratório em geral, sobre a imigração dos que vieram do Hunsrück em 1828/29 e da imigração dos westfalianos na década de 1860. Falou também do padre Wilhelm Roer (*29.9.1822 Münster, †8.10.1891 Porto Alegre) e de seu trabalho junto ao governo imperial para conseguir para os imigrantes westfalianos melhores terras para

poder se estabelecer com suas famílias e construir o novo lar.

Martin falou detalhadamente sobre o sentido de sua viagem e a finalidade de sua pesquisa sobre a emigração westfaliana. Parabenizou os que aqui no Brasil se interessaram e colaboram na realização desse projeto. Valberto traduzia as palavras de Martin. Todos demonstraram muito interesse e formularam inúmeras perguntas que Martin pôde responder em sua maioria. Loreno estava sentado ao meu lado e traduzia para mim o que o organizador do encontro dizia. As crianças, vestidas com trajes típicos, fizeram uma variada apresentação de danças alemãs. Após cada apresentação os espectadores aplaudiam com uma salva de palmas. O prefeito presenteou Martin com

um quadro da visão panorâmica de São Bonifácio e as crianças do grupo de danças presentearam a mim, “senhora Hildegard”, um prato com desenho esmaltado. A dirigente e as crianças quiseram ainda fazer uma foto conjunta comigo e com Martin. Ao se despedir, cada criança deu-nos afetuosamente a mão e recebeu nosso abraço. Jamais esqueceremos os olhos reluzentes das crianças. Após despedida dos organizadores, do prefeito que também é o médico da cidade, do vice prefeito, do cantor Raulino Backes com seu violão, do pároco da cidade e outros senhores, fomos nós, Valberto, Martin e eu com dona Hilda Philippi (nascida Dirksen) e Loreno para casa. Roseli, esposa de Loreno, ficara em casa e preparara uma substanciosa e sabosa janta. A refeição moderou a intensidade de nossa conversa, sinal de que a comida era boa. Dona Hilda, de 72 anos, prima de Valberto, não só fala perfeitamente o dialeto westfaliano como também é um livro vivo de história. Entre outras coisas, Hilda contou que um pároco fazia certa vez uma sermão demasiadamente longo. Para terminar com a pregação que não tinha fim, um fiel impaciente teria gritado: “senhores, estou cheirando fogo!” e, num instante, a igreja estava vazia.

No dia seguinte, passou por nós um jovem cavaleiro, e ela disse espontaneamente: “Vamos e venhamos: o cavaleiro é, sem dúvida, um bonitão, mas o que me interessaria é o cavalo.” Contou ainda que no início da colonização, a família de seus avós não tiveram conflito com os índios. Seu avô recuava, sem grande alarde mas gradativamente, os limites de suas terras mata adentro. Mas os índios percebiam isso e esticavam cipós nas trilhas ou colocavam outros sinais para chamar a atenção de que daquele ponto em diante os verdadeiros donos eram eles. Quando o avô colocava alguma armadilha para caça fora dos limites de seu terreno, encontrava geralmente só a pele do bicho na armadilha. Com esses gestos e sinais o avô entendeu o recado dos sorrateiros índios e passou a respeitar os limites de seu terreno. A partir de então estabeleceu-se uma vizinhança amigável entre ele e os selvícolas. Hilda contou ainda que ela tinha antigamente sempre um cavalo e uma charrete, era seu meio de locomoção para fazer os 6 km de sua casa até a sede de São Bonifácio. Por mais de 20 anos ela tocou o harmônio na igreja durante os cultos e missa. As opiniões e conselhos de dona Hilda sempre foram muito respeitados e acatados no povoado.

Hilda vai diariamente até a casa que era de seus pais, atualmente desabitada, para tratar alguns animais domésticos pois seu filho Loreno e a nora Roseli não querem que a mãe durma sozinha naquela casa isolada. Quando eventualmente não há carro à disposição, ela faz a pé o percurso de 12 km de ida e volta. Dona Hilda esteve o tempo todo conosco e nos contava em dialeto westfaliano muitas coisas do passado.

Nós lhe falamos do grande número de ninhos de passarinho [joão-de-barro!] que vimos por toda a parte nos postes de energia, o que era para nós um fenômeno desconhecido e curioso. Valberto já nos havia contado que os funcionários de manutenção da rede elétrica precisam, não raras vezes, destruir as “obras de arte” do joão-de-

barro⁶ construídas nas travessas horizontais que sustentam os cabos de transmissão para evitar curto circuito na rede elétrica.

Dona Hilda Philippi contou-nos a seguinte história do joão-de-barro:

“O joão-de-barro surpreendeu em flagrante sua companheira com outro parceiro. Joãozinho sentia-se triste e desconsolado com a infidelidade de sua companheira. Em vez de perdoá-la, crescia seu ódio de vingança mas também não tinha como desalojá-la. Tendo sua infiel companheira entrado à noite na casa de barro para descansar, joãozinho saiu furtivamente da casa para executar seu plano de vingança. Fechou às pressas com barro e saliva a entrada do ninho. A desprezada teve que aguardar seu fim por falta de comida e consciente de sua infidelidade.

Conta-se, no Brasil, que o pequeno “arquiteto” dessa espécie de pássaros, o “joão-de-barro”, cumpre rigorosos preceitos cristãos e que observa o Domingo, o sétimo dia da semana, como dia de descanso.

A porta de entrada localiza-se, em princípio, na direção contrária donde vêm os ventos e tempestades naquele ano para que a chuva não entre no interior do ninho. Os colonos consideram o “joão-de-barro” como um bom meteorologista. Observam seus sinais e, eventualmente, se orientam nos trabalhos da lavoura.

Hilda levou-me a visitar sua filha que mora numa bela casa com sua família, meia quadra adiante. Disse que tinha vergonha de só saber falar o dialeto westfaliano. O filho de Hilda, Loreno, eletricista, 50 anos, e sua esposa Roseli, professora no colégio da cidade, pais de seis filhos, não mediram esforços em servir-nos boa comida e bebida e transmitir-nos o sentimento de que nós fazíamos parte de sua família. Loreno trabalhou 5 anos em Wiena e por isso fala corretamente o alemão. Após uma exaustiva conversa sobre Deus, o mundo e os acontecimentos daquele dia, fomos dormir.

Domingo, 17.10.1999

Logo após o café da manhã visitamos primeiro o museu da cidade. A diretora, sra. Dilma Kock Exterkötter, achou muito importante a pesquisa de Martin e seus colaboradores na Alemanha. Ela prometeu contribuir na medida do possível. De lá fomos para o cemitério. As inscrições tumulares fazem parte da história de um lugar e tem, por sua vez, um grande poder de testemunho. Martin encontrou muitas inscrições

⁶ O joão-de-barro: designação comum a várias aves passeriformes da família dos furnarídeos (*furnarius rufus*). É conhecido também popularmente como joão-barreiro, barreiro, amassa-barro, maria-de-barro, oleiro, forneiro (fabricante de forno), pedreiro. A espécie mais comum é a do sudeste do País, de peito cuja cor varia do vermelho ao branco, e corpo cor de canela. Alimenta-se de insetos, come também outros pequenos besouros. Constrói seus ninhos de terra ou barro que ele molda com seu bico e pés na devida forma. Essas “casinhas” podem medir até 30cm de diâmetro e tem normalmente 25cm de altura. Tem formato redondo e se dividem em duas partes: a entrada ou vestíbulo e um espaço interno onde se localiza o ninho propriamente dito. O segundo ambiente é separado do primeiro por uma parede em curva que serve como proteção contra inimigos, sobretudo aves de rapina. A casinha pesa em torno de 3 a 5 kg. Às vezes o joão-de-barro reforma seu ninho revestindo-o com uma nova camada de barro. O casal trabalha em torno de 4 a 7 dias na construção do ninho. É muito conhecido e estimado, tanto no campo como nas cidades, pelo seu canto alegre e gritos festivos.

sepulcrais de colonos nascidos na westfália e que no século 19 se estabeleceram primeiro em Teresópolis e depois em São Bonifácio.

Às 12:00 estávamos no restaurante “Pesque-pague”, fora da cidade, para o almoço para o qual o prefeito Dr. Dimas Espíndola nos havia convidado. Hilda e Loreno também foram juntos. Podíamos escolher à vontade: peixe, frango, carne de gado, macarrão, batatinha, tomate, verdura, salada de feijão verde e repolho cozido com batata. Como sobremesa foi servido gelatina e arroz doce com pó de canela. Na despedida todos nos abraçaram e agradeceram nossa visita. Diziam que para eles foi uma honra ver-nos e conhecer-nos mais de perto. Queremos registrar um agradecimento especial à família Philippi que nos acolheu tão cordialmente. São pessoas simples, queridas e cordiais. Jamais esqueceremos a hospitalidade da família Philippi. Não podíamos compreender como era possível que pessoas a nós estranhas se preocupassem tanto conosco e se mostrassem tão gratas e felizes por termos sido seus hóspedes.

Após a despedida da família Philippi tomamos o caminho de volta pela já descrita “estrada do martírio”. Para o automóvel e para nós três havia uns 50 km. de péssima estrada a percorrer com algumas paradas. A primeira parada foi em Santo Antônio, na casa de Gustavo Dirksen, com mais de 90 anos de idade. Ele, sua filha Tabita e o genro Raulino Backes alegraram-se muito com a nossa breve visita. O genro já conhecíamos da noite anterior quando ele cantou e tocou violão na recepção que o prefeito nos fez em São Bonifácio. Um rio com muita correnteza (havia chovido e o rio estava cheio!) atravessa as propriedades da família Dirksen/Backes e de vizinhos. Em ocasiões de cheia já invadiu casas ribeirinhas causando grandes estragos. Para controlar as enchentes, Raulino mandou dragar e retificar o leito do rio para dar vazão mais rápida às águas. Raulino é um homem talentoso e de muitas qualidades. Além do dom da música, é também pintor. Desenhou um quadro que mostra a paisagem de São Bonifácio e decorou com desenhos alusivos a “Cidade das Abelhas” em Florianópolis. O tempo urgia e precisamos nos despedir.

A próxima parada foi em casa da família de Celestino Dirksen, um sobrinho de Valberto. Celestino é marceneiro e foi ele que fez as portas e janelas da nova casa de Valberto. A cunhada de Valberto e mãe de Celestino, Maria Rech Dirksen, falou da perigosa situação pela qual a família passou uns dias antes quando um raio bateu na rede de alta tensão e um dos cabos se rompeu e caiu no pasto sobre a cerca de arame farpado provocando um curto circuito. Toda a cerca em volta da casa encandeceu provocando um rastro de faíscas e estouros iluminando com fortes raios a noite escura. Parte do cabo de alta tensão caiu num açude que fica sob a rede eletrocutando grande quantidade de peixes. Toda a família deu graças a Deus que este “inferno” não atingiu a casa. O terrível espetáculo só terminou depois que passou a trovoada. No outro dia eram visíveis as marcas deixadas pelos fios incandescentes e em parte derretidos.

Após animado entretenimento e um reforçado café com bolo e outros doces,

despedimo-nos e seguimos viagem. Ao longo da demorada viagem, Valberto parou subitamente o auto em frente à casa de Simão Schmoeller, que mora a meio caminho entre Rio São João e Rio Gabiroba. Sem desembarcar, trocamos algumas palavras com Simão Schmoeller, naturalmente em dialeto westfaliano, e conhecemos o casal Helmuth e Marli Stortz que, ao término de uma visita de domingo à tarde à família Schmoeller, estavam se despedindo para voltar para casa. Para conhecer-nos mais de perto, foi marcado um encontro com os três para alguns dias mais tarde. Novamente despedida e o último trecho de estrada a percorrer. A certa altura deixamos a estrada geral e seguimos uma estrada secundária. Neste trecho atravessa-se uma floresta virgem. As copas das enormes árvores se juntavam no alto por cima do ermo caminho e transformavam a luz natural do dia numa mística penumbra. Existem ainda nesta floresta bandos de bugios que uivam principalmente quando o tempo está para mudar para chuva. Os colonos convivem com a natureza e muitas vezes se orientam pelos sinais do mundo animal. Finalmente tínhamos percorrido os últimos 2½ km de péssima estrada. Então abriu-se subitamente diante de nós um belíssimo vale. Aqui é a casa paterna de Valberto. Ele a chama de “Betânia” porque aqui, neste lugar calmo e tranqüilo, em casa de sua irmã Albertina e de seu cunhado José Schneider, ele vem descansar quando o trabalho como professor na universidade lhe concede alguma folga. O lugar onde se localiza a casa com tudo o que há em volta é realmente um lugar paradisíaco. Sem dúvida, este patrimônio foi contruído com o suor e sacrifício de muitas gerações. Fomos cordialmente saudados pelo casal Albertina e José Schneider. Albertina pediu que nos sentíssemos tão à vontade como se estivéssemos em nossa própria casa.

Gostaria de falar agora de minha impressão sobre os colonos e seu trabalho. As pessoas levam uma vida bem modesta mas satisfeita. Eles mesmos plantam e colhem na propriedade os gêneros alimentícios necessários para a vida do dia-a-dia. dado que no inverno a temperatura raramente chega a níveis muito baixos, a natureza concede que se façam até três colheitas anuais. A família Schneider planta preponderantemente fumo que é sua principal fonte de receita. A lavoura do fumo, desde a plantação até o produto final, é um trabalho muito penoso. Sobretudo a secagem, que exige cuidados especiais. A terra é trabalhada com uma junta de bois. Os dois animais são muito fortes e mansos para conduzi-los até a roça. Cavalos não são apropriados para este tipo de trabalho. A área de cultivo do fumo localiza-se na encosta e no platô do morro. Tem uma vaca de leite e alguns porcos para o próprio consumo. Dois grandes açudes constituem outra fonte de renda com a venda de peixes. A família tem televisão cuja imagem é captada com uma grande antena parabólica. Albertina tem um fogão a gás mas, no dia-a-dia, ela cozinha num tradicional fogão a lenha porque, segundo ela, a comida fica mais gostosa. Na casa não há telefone, nem jornal, nem correio para entregar a correspondência na porta da casa. Adão e Eva também não tinham esses recursos no paraíso! Quem nunca teve esses recursos, não sente falta deles tanto como nós. As galinhas andam soltas e

põem os ovos onde quiserem. Para José, cada dia é como se fosse um dia de Páscoa, isto é, procura sempre novos ninhos pois as galinhas não se acostumam a por os ovos num lugar fixo. Chegaram, inclusive, a fazer ninho entre as bromélias nos galhos de uma enorme e frondosa figueira que há atrás da casa. Quando os ovos descascaram, foi necessário esticar um lençol por baixo para que os pintinhos, ao sair do ninho, não morressem na queda. Esta imensa figueira Valberto e seu pai a plantaram há 53 anos atrás. Nos galhos da árvore crescem cactos, promélias, orquídeas, barba de velho e muitas outras plantas parasitas. É impossível descrever todas as belezas naturais em plantas e flores que existem naquele lugar. Um tucano manso que foi recolhido quando ainda filhote, fazia quase que parte da família Schneider e aparecia na cozinha na hora das refeições para reclamar a sua parte. Os pequenos colibris multicoloridos, maravilhosas criaturas divinas, eram vistos por toda a parte. Martin viu também um gambá que se escondera na estufa de fumo. Quando este animal é acuado e amedrontado, solta de suas glândulas, como arma de defesa, um líquido malcheiroso que se mantém no local onde é depositado por vários dias. Um lagarto de aproximadamente 30 cm. atravessou a estrada diante de nós. A natureza e o mundo animal no Brasil despertam no europeu uma singular curiosidade e suscitam outras impressões que aquelas na Alemanha e paizes vizinhos.

Eu tinha curiosidade em conhecer um pé de abacaxi. Para atender meu desejo, Valberto convidou-me a subir por um caminho íngreme a encosta do morro onde havia alguns pés. Como o tempo era escasso, tínhamos que ir depressa. Cansei muito até chegar lá.

Albertina fez dia 23.10.1999 sessenta e cinco anos. José tem 63 anos. Muito sofrida e castigada pelos duros trabalhos da roça durante todos esses anos, ela dava a impressão de ser mais velha. O casal Albertina e José Schneider são pessoas muito queridas, de muita fé e satisfeitas com a vida. José falou muito de animais selvagens e da natureza. À noite havia uma verdadeira sinfonia de batráquios nos dois açudes. Só o costume de quem lá mora ou o cansaço dos visitantes permite dar-se ao sono noturno. Alguns sapos famintos comiam os insetos que eram atraídos pelas luzes das lâmpadas elétricas e até ameaçavam entrar na casa. Fora, no gramado, via-se alguns, acocorados, imóveis, quais figuras de barro a enfeitar o jardim.

Segunda feira, 18.10.1999

Após o café da manhã fomos a Rio São João. Seguimos pelo mesmo caminho de ontem, que mais se parece com uma trilha de índios que uma estrada. Visitamos igrejas e cemitérios. Em seguida, fomos em casa da família de Helmuth e Marli Stortz. Sua bonita residência encontra-se na encosta do morro. Na casa e no jardim em volta havia orquídeas e muitas espécies de flores e plantas ornamentais. Manifestaram o desejo que

fôssemos pelo menos um dia seus hóspedes. A família Stortz, com seus filhos já crescidos, falam muito bem o alemão. No povoado onde eles moram fala-se também o dialeto westfaliano. A notícia de que haviam chegado visitantes alemães espalhou-se rapidamente. Todos queriam ver-nos e falar com os ilustres visitantes.

Para o almoço voltamos para a casa de Albertina. Tudo muito abundante. Dizia ela: “Preparo sempre com muito prazer boa comida todos os dias pois o trabalho na lavoura é penoso e sacrificado.” Dois filhos, Gilmar e Valério, administram a propriedade. Gilmar ainda é solteiro e Valério, já casado, tem uma esposa jovem e muito bonita. Valério e sua esposa Daniela estão construindo sua casa própria perto da casa dos pais. Ela trabalha diariamente com seu marido na lavoura e pega no serviço onde for necessário. É bom que também o jovem casal se sintam bem e se realize no trabalho da lavoura num lugar tão afastado.

À tarde estivemos em Rio Gabiroba, na casa de um irmão de Valberto, Raimundo Dirksen, que tem uma engenho de serra (serrafita). Sua esposa, Maria Schmoeller, cujos antepassados são originários de Metelen, e os demais da família estavam em casa. Uma grande mesa de café já estava preparada e conversamos muito em westfaliano. Aqui, como em toda a parte, não faltou a “rosca” (“coruja”) na mesa do café. É uma espécie de pão em forma de aro, bem branco e fofo, feito de polvilho de mandioca⁷ e se come com nata e mel ou melado. É muito gostoso. Vieram ainda outros conhecidos que Raimundo havia convidado. As perguntas eram tantas que não se sabia a quem dar ouvidos por primeiro. Egon Dirksen, filho de Raimundo, conversou intensivamente com Martin num alemão livre. Estava muito interessado em conhecer detalhes sobre a terra de origem de seus antepassados na Alemanha. Ele tem a assinatura de duas revistas em língua alemã: o *Familienkalender* [Anuário da Família] e o *Paulus Blatt* [Folha São Paulo]. Ele presenteou Martin com um exemplar de cada., Após o bate-papo do café, fomos, como não podia deixar de ser, até a igreja e cemitério. Martin conferiu alguns dados de sua pesquisa com as inscrições tumulares. Simão Schmoeller, irmão da acima citada Maria, é um senhor de aproximadamente 70 anos. Ele foi durante muitos anos cortador de padras. Também construiu muitos dos túmulos daquele cemitério e de outros. Quando alguém morre, deve-se trabalhar rapidamente pois o defunto é sepultado dentro de 24 horas. Contou a seguinte história: seu tio queria ser enterrado na mesma sepultura da mulher que já havia falecido há 21 anos. Ao retirar a lápide, perceberam que a sepultura não tinha profundidade suficiente. Para aprofundar a cova, foi necessário retirar o caixão da citada defunta. Ele teria então dito a seus ajudantes: “vamos olhar dentro do caixão”. Segundo ele, a defunta tia ainda era reconhecível. O vestido, os cabelos, as flores, tudo estava bem conservado. Talvez porque não entrara água e oxigênio no túmulo. Ao ouvir esta narrativa, me passou um

⁷ Mandioca, ou aipim, é um importante produto alimentício nas regiões tropicais da América do Sul, África e Índia. É um arbusto de cujas raízes se extrai o amido (polvilho) que é muito nutritivo.

calafrio pela espinha. Simão mostrou-nos ainda uma gruta na frente da igreja que ele construiu e decorou artisticamente com pedras de seixo. Simão é uma pessoa muito bem vista e sabe conversar sobre qualquer assunto. Helmuth Stortz nos disse mais tarde que Simão é um homem muito honesto e de total confiança.

Novamente voltamos para a casa de Albertina e pela última vez dormimos naquele recanto tão bonito. Passamos mais uma vez por aquele trecho de floresta virgem. Valberto sempre pára aí para sentir o silêncio da natureza ainda intocada e olhar a variedade de árvores e trepadeiras bem como o canto dos inumeráveis pássaros. Após a janta falamos ainda sobre os acontecimentos do dia e em seguida fomos dormir.

Terça feira, 19.10.1999

Às 8:45 horas despedimo-nos deste paraíso em meio à natureza e dos nossos amigáveis anfitriões Albertina e José. De coração nos pediram que voltássemos outra vez. Sob um lindo céu azul, partimos e, pela última vez, seguimos o caminho que atravessa a floresta. Tínhamos um encontro marcado, às 10:00 horas, com o prefeito Norvaldo Maas, em São Martinho. É um homem simpático e muito alegre. Imediatamente a secretária serviu-nos um cafezinho. Almoçamos com o vice-prefeito num restaurante da cidade. Foi para nós uma grande honra sermos recebido de forma tão formal pelas autoridades municipais. Já havíamos visitado antes a igreja e o museu. A igreja matriz tem como patrono Cristo Rei, e São Martinho, além de patrono do município, é o padroeiro da primeira capela fundada pelos imigrantes, há mais de um século. Junto a esta capela encontra-se o mais antigo cemitério. Sobre a visita ao museu tenho ainda alguma coisa a dizer: Valberto, que há alguns anos participou da fundação do museu, explicou o significado de cada objeto que nele se encontra. No andar superior, vi que Martin ficou parado absorto diante de uma vitrine e meneava a cabeça. Veio até mim e disse: “Hildegard, há inequivocamente no mundo mais uma pessoa que tem a mesma caligrafia que eu. Encontrei aqui, num papel exposto na vitrine, os sinais característicos de minha caligrafia”. Martin estava visivelmente alterado. Voltou novamente à vitrine para ler o texto e, com grande alívio, chegou à conclusão que era realmente sua letra. Na verdade tratava-se do seguinte: em 1995, Martin havia feito um trabalho de genealogia para a família Effting de Vargem do Cedro/SC cujos antepassados, que em 1860 emigraram clandestinamente para o Brasil, são originários de Schöppingen e Legden. Ele encontrou novamente no museu de São Martinho as cópias dos documentos destas famílias-tronco na Alemanha, com a descrição e assinatura de Martin. Acontecem casualidades na vida que são difíceis de compreender ou descrever, melhor dizendo, de esclarecer.

De São Martinho fomos à Vargem do Cedro, passando por São Luiz. Paramos no alto da serra, donde se tem uma indescritível visão panorâmica. Diante de nós

estendia-se o vale do Capivari cortado pelo rio do mesmo nome. Esse rio, que começa na serra de São Bonifácio como um pequeno riacho de águas claras, corre entre pedras de todos os tamanhos, às vezes por quedas e cachoeiras, até formar um rio volumoso. Ao longo deste rio estabeleceram-se muitíssimos emigrantes westfalianos. Em São Luiz visitamos o casal Emílio e Nilsa Berkenbrock e também o lugar onde a irmã de Emílio, Albertina Berkenbrock, nascida a 11.4.1919, foi assassinada a 15.6.1931. Albertina, menina de 12 anos, resistiu ao assassino com todas as forças até a morte para defender sua virgindade. Os pais de Emílio e Albertina chamavam-se Henrique Berkenbrock e Josefina Boeing. Eram colonos e tiravam da lavoura o sustento para sua família. Para lembrar o lugar onde Albertina foi morta, ergueu-se primeiro uma cruz de pedra e, mais tarde, uma capela. As ofertas votivas na capela são testemunhas da grande veneração dos fiéis católicos que vêm de perto e de longe. Grupos organizados vêm de ônibus para venerar a mártir Albertina e rezar na capela. Padre Henrique Sebastião Rademacher, nascido em Kleve, no Baixo Reno em 18.5.1896, foi movido pelo ideal de trabalhar como missionário no Brasil. Tomado por profundo zelo sacerdotal, começou seu ministério em Rio Fortuna/SC, onde trabalhou até 1927. Posteriormente trabalhou como vigário nas paróquias de Três Passos (Rio Grande do Sul), Ubatuba (litoral de São Paulo), Veadinho do Porto (interior de São Paulo). Nessas comunidades atuou com muita abnegação e dedicação por mais de 40 anos. Seu maior desejo era trabalhar como missionário junto às primitivas populações nativas do interior do Brasil. Esse homem de Deus, Padre Henrique Sebastião Rademacher,⁸ escreveu, em 1932, a história do assassinato de Albertina Berkenbrock sob o título *Das Heldenmaedchen von Vargem do Cedro: eine wahre Begebenheit* [A heroína de Vargem do Cedro: um acontecimento verdadeiro], publicada no livro *Unter Gottes Himmel* [Sob céu divino] (p. 25-47) editado em 1933. Através da imprensa leiga e eclesiástica, foi levado ao conhecimento público, no Brasil e na Alemanha, a trágica morte de Albertina Berkenbrock, cujo antepassado paterno nasceu em Darfeld na Westfália. O assassino de Albertina, o preto Maneco Palhoça era ajuntado com uma mulata e tinha três filhos. Ele era empregado do colono Henrique Berkenbrock e morava num rancho a poucos metros da casa da família. Maneco Palhoça foi condenado a 30 anos de prisão. Após 7 anos de detenção ele morreu na penitenciária de Florianópolis.

Dado que os alemães e seus descendentes sofreram, durante a primeira e segunda guerra mundial, duras represálias por parte de governo brasileiro, e a língua, os costumes e o cultivo da vida cultural alemãs foram severamente proibidas sob pena de prisão e drásticos castigos, Padre Henrique Sebastião Rademacher não tinha condições

⁸ A 5.10.1921 emitiu os primeiros votos em Fünfrunn (Luxemburgo). Aos 5.10.1925 foi ordenado sacerdote em Taubaté (São Paulo). Ele deixou a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus em 1930 e tornou-se padre secular. Além dos lugares acima citados, trabalhou, entre outros lugares, Rio Grande do Sul. Por último esteve em Itapevicira de Serra (São Paulo), onde trabalhou até seu falecimento. O padre jesuíta Alvinho Bertoldo Braun publicou, em 1954, um livro sob o título *Vida da Serva de Deus Albertina Berkenbrock*.

de divulgar a sua história sobre Albertina Berkenbrock a um público leitor muito amplo no Brasil e na Alemanha. Somente cinco anos após a Segunda Guerra Mundial o tempo era propício para a publicação. Já se faziam então buscas e petições de provas para o processo de beatificação da mártir Albertina.

Pelas 15:00 horas estávamos em Vargem do Cedro onde fomos convidados a participar de um encontro de idosos. Na entrada do povoado há um portal com os seguintes dizeres: “Vargem do Cedro, capital mundial das vocações”. Se esta afirmação for verdadeira, não existe outro lugar no mundo que tenha fornecido tantos padres, religiosos e religiosas. Tabita Effting Feuser, que com um grande grupo de senhoras se reúne todas as terças feiras para trabalhos manuais, já nos aguardava. Todas me cumprimentaram com abraço e, como é costume no Brasil, três beijinhos. Os maridos do grupo de senhoras se entretinham com jogo de baralho numa sala ao lado. Para nós estava preparada uma mesa especial. Sentei-me entre as idosas, o que muito lhes agradou. Ao cumprimentá-las, Martin perguntava o nome e sobrenome. Para cada uma delas ele contava alguma coisa sobre a família e o lugar de origem na Westfália. Também o pároco, padre Renato Rohr, veio para nos cumprimentar e tomou parte no café comunitário. Mais tarde mostrou-nos a igreja e a casa paroquial. É um homem muito dinâmico. Está construindo um museu e já recolheu tantos objetos, junto às famílias da comunidade, suficientes para encher o museu após a conclusão.

Fomos ainda à casa de Maria Feuser, nascida Berkenbrock (ela é irmã de Albertina e Emílio). Maria é casada com Sebastião Feuser, um irmão de Tabita Effting. Sua casa com a ornamentação em volta parece um jardim de fada. Um rio passa por entre as duas casas geminadas e os peixes, principalmente grandes carpas, vêm comer de suas mãos. Possuem uma padaria onde fabricam finos doces enfeitados à mão, destinados tanto para o consumo local como também, e sobretudo, para os inúmeros turistas que visitam Vargem do Cedro. Como ela diz, trabalho não falta. De lá, seguindo por outra estrada, tomamos o caminho de volta para São Martinho num trajeto de 10 km. Lá Valberto pediu ao Padre João Hoepers para levar-nos até a casa do Padre Sérgio Hemkemeier, em Armazém. Despedimo-nos de Valberto até terça feira da próxima semana. No começo Padre João não se mostrou muito disposto. Mas por fim, meio a contra gosto, concordou em levar-nos. Temíamos ser a nossa última viagem. A estrada é cheia de curvas bem fechadas. Em alguns lugares onde a velocidade máxima permitida era de apenas 40 quilômetros por hora, Padre João corria a 80 km/hora. Verdade é que ele conhece esta estrada, sente-se em casa e transita muito por esta rodovia, mas nós dois estávamos contentes quando pudemos desembarcar sãos e salvos diante da casa paroquial em Armazém. Padre Sérgio ainda não havia chegado dos trabalhos pastorais. Um vizinho e amigo seu, Henrique Michels, nos entreteve. Mais tarde tivemos oportunidade de conhecer melhor e valorizar o Padre João. Compareceu várias vezes à casa paroquial de Padre Sérgio. A governanta, Elise é uma pessoa muito querida e

prestativa, mas não fala alemão. Com mãos e pés, gestos e olhares, acabamos no entendendo muito bem com Elise. Ficamos hospedados numa suíte com duas camas. A casa foi construída segundo as técnicas mais modernas de construção. O piso é todo de cerâmica, os quartos têm ar condicionado e tudo é amplo e bem planejado. No andar térreo há uma belíssima capela doméstica. Pelas 21:00 horas chegou Padre Sérgio e cumprimentou-nos cordialmente. Trouxe um saboroso prato preparado à base de frutos do mar. Por volta das 22:00 horas fomos dormir. Estávamos contentes com a boa cama. Hoje tivemos bom tempo e dia muito bonito. Foi um verdadeiro dia de primavera ensolarado.

Quarta feira, 20.10.1999

Dormimos bem. Às 8:00 horas foi servido o café; tudo muito gostoso. Padre João, que ontem nos trouxe até aqui, veio e tomou café conosco. Padre Sérgio tinha que dar, logo em seguida, doutrina de crisma. Foi marcada para as 10:00 horas a saída para a serra. Pude telefonar para a Alemanha e ouvi a voz de Martina; falei também com Sabina. Fez-me bem ouvir a voz das filhas.

Em São Ludgero, visitamos a igreja matriz construída em estilo moderno e de cor clara. Padre Sérgio e Martin foram à casa paroquial. Foi combinado que na volta parariamos aí novamente. Continuamos nossa viagem à serra pela estrada do Rio do Rastro, a uma altitude de 1.460m. A estrada conduz em ziguezague até o alto da serra. Elise, governanta da casa paroquial, pessoa muito simpática e gentil, também foi junto. Padre Sérgio quis presenteá-la com este passeio pela cordialidade e palavras corretas que ela sempre tem com as visitas. Estávamos lá em cima; mas infelizmente não podíamos ver nada por causa da densa neblina. Existe aí um mirante e, ao lado, uma casa onde são vendidos souvenirs para turistas. Tocava-se música alegre e Martin dançou com Elise. Padre Sérgio fez uma foto deles. Seguimos mais uns dois quilômetros adiante, até Bom Jardim da Serra, para almoçar. Além de arroz, maionese e saladas, foram servidos, à vontade, vários tipos de carne muito gostosa, assada na brasa [espeto corrido!], cerveja e coca-cola. Padre Sérgio pagou, ao todo, pela comida e bebida, 25 reais, correspondente a 25 marcos.

Então voltamos para o lugar anteriormente encoberto pela neblina. O véu de neblina havia desaparecido completamente e tínhamos diante de nós uma fantástica visão panorâmica de todo o vale. Quão maravilhoso é o mundo de Deus! Fui ao carro para buscar minha bolsa. Ah! Que susto. Não vi mais minha bolsa nem a de Elise no banco traseiro do carro. Imediatamente me passou um calafrio pelo corpo. Todos nós ficamos muito assustados. Eu não me continha de nervosismo. De repente disse Padre Sérgio: “Hildegard, tu foste ao carro que não é o nosso”. Fui então ao nosso carro onde, graças a Deus, estavam as bolsas em seu lugar. Só então normalizou-se a circulação em

minhas pernas. Depois disso rimos à vontade sobre minha suspeita de roubo. O que teria sido de nós se tivéssemos ficado sem passaporte, sem dinheiro e sem nossos apontamentos pessoais? Sem mais, descemos lentamente a serra. Paramos mais uma vez em São Ludgero. Agora Padre Lückmann estava em casa. Ficou muito contente com as informações de Martin sobre seus antepassados. Uma sobrinha de Padre Sérgio é religiosa no Convento das Irmãs da Divina Providência, que fica ao lado da casa paroquial. A casa-mãe destas irmãs é em Münster. Quando as irmãs souberam da nossa presença, logo preparam um café com doces saborosos. A freira mais idosa, cujos antepassados são originários do Hunsrück, tinha 87 anos. Os antepassados e outra religiosa, de sobrenome Röttger, haviam emigrado de Asbeck para o Brasil em 1860. Rimos muito com as pilhérias contadas pelas irmãs idosas. O suposto roubo de minha bolsa também foi motivo de muito riso e gozação. Nossos olhos lacrimejavam de tanto rir. As irmãs não queriam deixar-nos partir. Irmã Agnes perguntou, em dialeto westfaliano, se queríamos “despejar” água (fazer xixi) antes de sair. Nós dois quase molhamos as calças de tanto rir. Martin ganhou do Padre Lückmann uma cópia xerox da história da cidade e da paróquia de São Ludgero, em língua alemã. Ele ficou muito contente com essa oferta. Foi pedido a Martin que transmitisse lembranças à irmã Sabina na casa-mãe em Münster.

A próxima parada foi Braço do Norte. A viúva Maria Schlickmann Brüning, de Braço do Norte, tia da senhora Frey-Brüning da Suíça, deu a Martin interessantes papéis em três caixas de papelão. Seu marido, Daniel Brüning, foi prefeito de Braço do Norte e tinha a intenção de escrever um livro sobre a cidade. Faleceu antes que seu projeto se concretizasse. A denominação de uma rua com seu nome é sinal de que foi um prefeito dinâmico e estimado. O próximo ponto foi a igreja. Um sobrinho de Padre Sérgio é o pároco de lá. Ele disse-nos que, além da igreja matriz, atende outras 25 capelas. Além disso, leciona em duas escolas. É um homem muito acolhedor e simpático. Mostrou-nos a igreja que tem um teto de madeira muito alto em quadrados. Em cada quadrado há o desenho de um animal. Penso que se quer com esta decoração simbolizar a arca de Noé. No presbitério há uma grande cruz. No lado esquerdo há cinco anjos vestidos em cor-de-rosa e, no lado direito, outros cinco anjos vestidos em azul claro. Assim é a variedade de cores no Brasil. No lugar do púlpito há uma estante onde mensalmente se coloca outra imagem de santo. Hoje encontrava-se lá Nossa Senhora Aparecida.

Hoje, em todos os sentidos, é um belo dia primaveril. Às 17:30 estávamos novamente em casa em Armazém. Padre Sérgio gosta de contar piadas limpas. Perguntou-nos qual a diferença entre maravilhoso (wunderbar) e estranho (sonderbar). Como não sabíamos responder, disse: “Que Elias subiu ao céu num carro de fogo é maravilhoso (wunderbar). Que ele não queimou seu traseiro, é deveras estranho (sonderbar)”. Ele sempre estava pronto para uma nova piada.

Elise nunca tinha ido à serra. Penso que Elise é de uma família não muito

abastada e está satisfeita com o trabalho que exerce como governanta na casa paroquial. Preocupa-se com o Padre Sérgio e cuida de como se fosse um pai e não tem hora de terminar o trabalho diário. Não que esteja sobrecarregada de trabalho mas, simplesmente, está aí quando Padre Sérgio precisa de seus préstimos. Elise tem uma ajudante na limpeza da grande casa paroquial e do quintal em volta.

Pelas 20:00 jantamos. Comemos o que sobrou dos saborosos frutos do mar de ontem. Padre Sérgio havia esquecido que tinha uma missa para rezar. Ele não se alvoroçou com o fato de que suas “ovelhas” tivessem que esperar mais de 10 minutos pelo pároco. Padre Sérgio disse-nos: “Vocês devem saber que o sacerdote nunca chega atrasado pois a missa só começa quando o celebrante sobe os degraus do altar”. Nós também fomos à missa, mas chegamos tão atrasados que apenas deu para receber a bênção final. Padre Sérgio tinha que ir ainda ao Rotary Clube. A pergunta pelo “donde” sempre está presente entre os brasileiros de origem alemã; também neste encontro. Ele se arrependeu muito de não ter levado Martin, pois todos teriam se alegrado com sua presença. Lemos ainda um pouco em nosso quarto. Aproximadamente às 22:00 Padre Sérgio voltou. Veio até nosso quarto (eu já estava na cama) e contou-nos piadas. Para algumas piadas seu humor era ainda suficiente. Padre José Kuns, de Termas de Gravatal, ainda telefonou. Convidou a nós, Padre Sérgio e Padre João Hoepers para um almoço.

Quinta feira, 21.10.1999

As 8:00 estávamos à mesa do café. Elise e eu lavamos a louça. A seguir, fui com Joana Michels (a família Michels é originária do Hunsrück), que fala o dialeto hunsrück, ao comércio e comprei dois sutiãs, que custaram 19,50 reais. Às 11:45 fomos, juntamente com Padre Sérgio e Padre João Hoepers, ao Padre José Kunz. Novamente a saudação foi cordial. Em pouco tempo fomos convidados a tomar assento à lauta mesa. Foi servido sopa com arroz e ovo batido, salada de feijão de vara, couve-rábano, beterraba, arroz, alface, frango frito e vinho. Padre José Kunz tem 82 anos. Tem dificuldade de mover a perna e o braço direito em decorrência de um derrame. Mesmo assim, reza a missa todos os dias em casa. Três mulheres estavam ocupadas com o almoço. Sua irmã é a governanta da casa. Alegrou-se muito por poder falar alemão conosco. Demonstra grande interesse pela história, e ficamos convencidos de que ele tem um considerável conhecimento sobre a emigração. Após o almoço, voltamos à casa de Padre Sérgio e descansamos um pouco. Aqui em Armazém faleceu hoje um homem de 92 anos. Ele já será sepultado amanhã às 8:30 horas. A igreja tem uma torre bem alta onde estão instalados alto-falantes através dos quais se anunciou o falecimento e a hora do enterro. Também outros comunicados relativos à igreja são anunciados através dos alto-falantes. Primeiro toca-se uma música para que todos fiquem atentos; então seguem os anúncios

da igreja. Faleceram dois senhores que serão sepultados ainda hoje; o enterro de um deles será as 17:00 horas

Todas as pessoas são muito simpáticas e cordiais conosco. Martin dirigiu-se àquelas que gostavam falar alemão com ele. Eu olhei as ruas em volta da igreja e fui às 16:30 à missa. Na igreja vi senhoras idosas, homens idosos, mulheres novas com filhinhos, jovens e crianças. Era uma missa para os doentes. Cada um recebeu, no final da missa, uma bênção especial do celebrante, Padre João; antes ele já havia passado pelo corredor e aspergido todos com água benta. Padre Sérgio foi visitar uma capela. Martin trouxe até a casa paroquial a senhora Boeing. Veio ainda uma senhora de 81 anos e uma freira (os antepassados eram Herdt). Todas se alegraram com o que Martin lhes disse sobre seus antepassados. Às 20:30 horas Padre Sérgio voltou e trouxe para Martin valiosos documentos; pôs-se logo a examiná-los. Eu fui às 21:45 horas para a cama. Martin ficou até meia noite analisando os documentos.

Sexta feira, 22.10.1999

De manhã, às 8:00 horas, veio uma senhora que nos levou até Rio São João, São Martinho, até à família de Hemuth e Marly Stortz. Ficamos cada vez mais admirados de como as pessoas eram cordiais conosco. Helmuth tem uma kombi. Estradas ruins não são obstáculo excessivo para esta condução. Helmuth conduziu-nos com este carro para várias residências onde moram antigas famílias descendentes de alemães, ou melhor, westfalianos, que levam uma vida muito dura e pobre. Também a aparência externa das pessoas e das casas em volta das cidades não se pode comparar com nosso estilo de vida. Ainda que muitas das pessoas que nós visitamos estivessem mal vestidas e as instalações domésticas fossem bem pobres, todavia, as manifestações de alegria, a hospitalidade, o entretenimento em dialeto westfaliano e as palavras sinceras de agradecimento pela nossa visita faziam esquecer tudo o mais. Temos consciência de que valorizamos muito as pessoas e as queremos bem por tudo o que fizeram por nós⁹.

Helmuth mostrou-nos o salto d'água romântico e selvagem de sua família. Nesta bela propriedade localizava-se a casa de seus pais e foi aqui que ele nasceu. Helmuth teve aqui, por 13 anos, uma serraria movida à força d'água. Ele canalizou a água do rio com tubos de cimento (40cm de diâmetro) de uma altura de 160 metros até a turbina da serraria. Só assim ele conseguia pressão necessária para movimentar a turbina. O chão e parte de um muro de apoio ainda são sinal de seu empreendimento. Bananas-nanicas podem ser colhidas segundo as necessidades da família e dos amigos. O mato faz jus ao seu direito e, pouco a pouco, toma conta de tudo o que resta de vestígio humano. Eu havia me adiantado e subido longe sobre as pedras do salto. Helmuth acabara de dizer a

⁹ O autor da crônica deixa transparecer um velado menosprezo à pobreza e simplicidade das pessoas como se manifestação de alegria e sinceridade fossem apanágio de pessoas abastadas. (nota do revisor)

Martin: “Queira Deus que Hildegard não caia”. E já era tarde. Os dois não se agüentavam de rir, e eu mesma tive que arrumar um jeito de levantar-me. Minha pele apresentava escoriações em vários lugares.

Helmuth contou muito sobre sua profissão como fabricante autônomo de turbinas e rodas d’água de metal, sobre suas inovações técnicas e o tempo em que foi serrador e trabalhou com seu próprio caminhão. Enquanto descrevia sua trajetória de vida, vinham-lhe freqüentemente lágrimas, amargas lágrimas nos olhos. Acontecimentos da Segunda Guerra Mundial,¹⁰ graves acidentes, dificuldades financeiras devido a roubo, empréstimo ou não remuneração de trabalhos realizados, mau tempo, tudo, enfim, era difícil de superar humanamente. A sorte nem sempre o favoreceu. É proprietário de grandes áreas de mato, terra e pastagem, porém delas não pôde tirar muito proveito porque o solo é pobre e a maior parte são morros. Toca uma oficina onde refaz “o velho em novo” de tudo quanto é objeto que as pessoas trazem; concerta também carros. Não há problema mecânico que ele não consiga resolver a contento em sua oficina.

Martin sugeriu-lhe escrever a história de sua vida com todos os problemas e realizações, os aspectos negativos e positivos (e aqui contam certamente seus dons musicais e o canto) para a memória de seus filhos. O casal tem quatro maravilhosos filhos, três rapazes e uma moça. A herança que os pais deixarem certamente ajudará em muito os filhos na construção de um futuro melhor e mais feliz. Kurt pretende seguir o exemplo de Helmuth na oficina e Klaus, com seu trabalho de serralheiro, deu origem à oficina dos Stortz. Gerti casou com o colono Lucas Hemkemeier, em Rio Fortuna. Marly é uma senhora muito simpática e atenciosa; cuida da casa e do jardim com uma grande variedade de flores e plantas, o que lhe custa muito trabalho. A gente se sentia bem à vontade com eles.

No passeio à cachoeira dos Stortz, Helmuth quis visitar o bem conhecido colono e veterinário prático Ricardo Weber, sem anunciar-se previamente. Ele, sua mulher e a empregada estavam sentados na varanda da casa e viram-nos chegar. Para chegar até a casa com a nossa kombi, tivemos que abrir a porteira na entrada da propriedade, atravessar um pasto de terra mole até a porteira do quintal. Tal caminho seria impensável na Alemanha. O casal Weber e a empregada cumprimentaram-nos cordialmente; nossa visita foi uma ótima ocasião para quebrar a rotina do seu isolamento. Em razão da idade, os Weber haviam reduzido ao mínimo suas atividades com a terra e pastagens; apenas o suficiente para o próprio consumo. O Sr. Weber falava com muita eloqüência do seu ofício de veterinário prático. Podia-se perceber que sua atividade era mais uma vocação que uma profissão. Mostrou-nos um velho livro,

¹⁰ Seus pais emigraram para o Brasil em 1915 mas, em 1938, atendendo ao apelo de Hitler, voltaram para a Alemanha. Helmuth era pequeno. Seu pai lutou no *front* e sua mãe trabalhou em fábrica de armamentos. No fim da guerra a família estava dispersa e só se reencontrou no Brasil. O irmão mais velho de Helmuth morreu durante a guerra.

que, pelas boas ilustrações de variadas doenças e métodos de partos, dá uma importantíssima ajuda ao veterinário prático. Mostrou-nos figuras de bezerros em diferentes posições no útero da vaca que, sem o auxílio de um experiente veterinário prático, não teriam condições de nascer com vida. Quando um bezerro se encontra no útero da vaca em posição errada, ele o torce e ajeita de tal modo que o mesmo pode nascer sem complicações. O Sr. Weber conseguiu granjear a confiança dos colonos ao longo dos anos no seu trabalho de veterinário prático. Nos últimos anos um médico veterinário diplomado cuida do gado dos colonos. No início de suas atividades ele recorria com frequência aos conselhos e ajuda prática do senhor Weber. Um olhar pela porta aberta da sala de visita e sobre os arredores da casa, bem como a aparência externa do casal e da empregada, davam a impressão que eles vivem muito sobriamente, mas, mesmo assim, satisfeitos. Novamente uma cordial despedida com votos mútuos de felicidades.

Visitamos também, e naturalmente sem anúncio prévio, a família de Olinda Koep. Olinda, que fala o dialeto westfaliano, alegrou-se muito que Helmuth Stortz a visitasse com os hóspedes alemães e que nós a presenteássemos com o tempo de uma breve visita.

Pedi a nós três que nos sentássemos. A arrumação na sala de visita era tão pobre que um dos braços do sofá logo caiu quando Martin se sentou. Para seu alívio, Martin observou então que era uma peça muito antiga e que o braço (do sofá) estava preso só com um prego. Olinda disse espontaneamente: “Martin, isto não faz mal. Nós já pretendíamos jogar fora este velho sofá”. Olinda ficou triste quando Helmuth interrompeu a conversa em dialeto westfaliano lembrando que era necessário partir. Após cordial despedida com votos de um bom futuro, seguimos viagem. Vimos Olinda acenar para nós, até a kombi sumir de sua vista.

Em continuação à viagem ao salto da família Stortz, visitamos um antigo vizinho de nome João Heinzen. A alegria com a nossa inesperada visita foi grande. A família, que só fala dialeto westfaliano, pediu-nos que sentássemos na varanda. Nós e a família Heinzen falamos sobre tudo quanto é assunto da vida do dia-a-dia. A varanda, construída em 1931 pelo então proprietário Adolfo Böhes, com uma vistosa decoração, ao que parece, nunca foi reformada. Pinturas decorativas com elementos criativos em cores de bom gosto que emolduram as paredes são testemunha de uma época de opulência e da capacidade artística de um pintor da vizinhança ou da região. Era este o motivo porque há mais de 70 anos não foi mais feita nenhuma reforma? A certa altura comecei a sentir um frio na nuca. Helmuth pediu à esposa do Sr. João Heinzen para fechar a janela. A idosa senhora disse: “Não adianta; não há mais vidros na janela”. A instalação sanitária (WC) é muito primitiva e encontra-se num puxado anexo ao paiol. A água potável é captada num córrego mais acima e trazida por uma calha até a casa. Corria como uma fonte num grande tanque donde transbordava. Martin não se cansava em olhar os antigos utensílios e ferramentas no paiol bem como a arrumação na residência. Tinha-se

a impressão que o tempo havia parado há cem anos nessa casa. Só pode viver nesse fim-de-mundo [num lugar assim desolado] quem não conhece as condições de vida da atual cultura habitacional [Wohnkultur] com suas vantagens. A família se mantém preponderantemente com os próprios recursos provenientes da terra e da criação de gado. Após cordial despedida com votos de felicidades, seguimos viagem.

À noite, pelas 21 horas, fomos jantar, e o prato era peixe. O restaurante é de um antigo colono que deixou os trabalhos da lavoura e abriu este estabelecimento onde o prato principal é o peixe que ele cria em lagoas de sua propriedade. Estávamos sentados num grande galpão aberto em todos os lados. O piso é de cimento e o ambiente, de modo geral, é muito rústico. A comida, no entanto, era boa. Foi servido peixe e outra comida. Nós, como sempre, provamos de tudo. A mesa era sempre reabastecida até que estávamos satisfeitos. Pela comida e bebida pagamos, por sete pessoas, 22 reais. Helmuth levou-nos pelas estradas esburacadas de volta para casa.

Sábado, 23.10.1999

Às 9:00 horas saímos novamente com a kombi. Marly também foi. Primeiro visitamos o filho Klaus. Ele constrói secadores para estufa de fumo e realiza todo tipo de serviço que demanda mão-de-obra de serralheria. É um homem amigável, como também Kurt e Gerti. Martin encantou-se principalmente com a pequena Heidi, filha de Gerti. Tem dois anos de idade e, dada sua idade, tinha uma excepcional habilidade em articular palavras em alemão. Seguimos então numa longa distância por péssima estrada até uma pousada no meio do mato junto a um rio. O proprietário construiu ali, com muito jeito e bom gosto, um verdadeiro paraíso com 23 variedades de verduras, grande diversidade de plantas ornamentais, múltipla variedade de lindíssimas flores em todos os matizes. No parque há pequenas pontes em arco sobre os riachos, aquários, lugares para sentar, enfim tudo o que é possível imaginar que possa existir de melhor num lugar de lazer e descanso. Na sede há, na parte superior, oito quartos para hóspedes. Cada quarto tem sua decoração e acabamento próprio. O proprietário mostrou-nos tudo e disse que sua mãe, de 76 anos, fez toda decoração interna, desde a costura das cortinas e outras coisas mais. Infelizmente não tivemos a oportunidade de conhecê-la. Ela é, com certeza, uma grande artista e uma boa decoradora. Almoçamos aí e o prato do dia foi feijoada, comida típica do Brasil. A feijoada é um cozimento à base de feijão preto com pé, rabo e costela de porco. Como acompanhamento havia arroz e verduras. Também foi servido carne em forma de bife. Um simpático mocinho, Roberto, de 10 anos, serviu-nos. Com esse trabalho ele ganhava seu dinheiro extra. Dei-lhe 1,50 reais de gorjeta. Olhou-me com seus escuros olhos infantis num gesto de agradecimento. Todos éramos de opinião que este esforçado jovem garçom terá um futuro promissor. Pagamos 30 Reais pela comida e bebida para quatro pessoas. De lá fomos a Laguna, no litoral.

Laguna é uma belíssima cidade situada perto do mar e muito freqüentada por turistas. Martin e Marly procuraram pelo Padre Antônio Gerônimo Herdt. Ele ficou surpreso com nossa visita e não podia compreender como um homem vindo da Alemanha lhe pudesse mostrar os dados e o lugar de origem de seus antepassados. Laguna tem um renomado balneário.

Conhecido pelos acontecimentos da Guerra dos Farrapos, Laguna foi um importante palco daquela guerra. Um nome notório dessa época é o de Anita Garibaldi, mulher de José Garibaldi. O casal Garibaldi lutou em diversas batalhas, ora no Brasil, ora na Itália. A figura de Anita tornou-se imortal na história dos dois países. Embora a guerra já tenha terminado há muito tempo, a história, no entanto, continua viva nos museus da cidade. Dignas de serem vistas são as praias, os mares e enseadas. A Praia do Mar Grosso é propícia para surf, pesca e outras práticas de esporte aquático. Uma outra atração em Laguna é o carnaval. Com diversas escolas de samba e grupos musicais, o carnaval de Laguna é o mais importante de Santa Catarina. Acontece na mesma época em que se realiza o carnaval nas outras cidades do país, nas noites quentes de verão entre fevereiro e março.

Seguindo adiante, passamos por uma igreja e um cemitério que Martin fez questão de visitar. Nossa kombi teve um pneu furado mas Helmuth resolveu o problema rapidamente.

De lá fomos a Rio Fortuna. Para os brasileiros um trajeto assim não representa grande distância. Também não sei dizer quantos quilômetros fizemos naquele dia, sobretudo os trajetos de péssimas estradas de terra que nos pareciam muito longas, dado que tínhamos que andar em passo de lesma. Primeiro visitamos Padre Afonso Schlickmann (seus antepassados são de Schöppingen), que Marly e Helmuth conhecem bem. Normalmente as capelas, nas comunidades rurais, dispõem de um quarto na sacristia ou num anexo à capela onde o padre pode descansar entre uma atividade pastoral e outra como missa, confissão batizados, casamentos, enterros, visita aos doentes da comunidade e outros compromissos. Por muitos anos Padre Afonso Schlickmann atendeu a capela de Rio São João, no município de São Martinho, distante 25 quilômetros de Rio Fortuna. Dado que Padre Afonso sofre de asma, o ambiente freqüentemente frio e úmido nas dependências da sacristia não lhe faz bem.

Quando padre Afonso visitava a comunidade de Rio São João, os pais de Marly, Helmuth e Olinda, serviam-lhe as refeições e cediam-lhe um quarto para descansar. É fácil compreender por que padre Afonso desenvolveu laços de amizade tão estreitos com essa acolhedora família. Voltemos à visita ao padre Afonso. Lá se encontravam em casa só a empregada Helena, que fala o dialeto westfaliano, e o papagaio. Nós quatro tínhamos uma só e mesma necessidade pessoal. Lena mostrou-nos a toailete. Enquanto freqüentávamos a toailete, o papagaio fez um barulho infernal e uma gritaria ensurdecidora, de modo que mal podíamos conversar. Perguntei a Lena se este pássaro sempre

faz tanta gritaria, pois isto seria insuportável. Lena respondeu mais ou menos o seguinte (em dialeto westfaliano): “o papagaio não é sempre assim falador, mas vendo vocês ir ao banheiro, irritou-se, achando que vocês tomariam posse de seu espaço, pois à noite sempre dorme lá”. Quando vem visita, ele diz espontaneamente em alemão e português: “Padre Afonso não está”. Padre Afonso tem para seu sustento, além de uma grande horta, uma vaca leiteira com um bezerro e um boi grande no pasto ao lado de sua casa. Lena disse que no momento padre Afonso estava rezando uma missa de casamento numa capela. Para chegar à capela, tivemos que voltar uns 10 quilômetros. No entanto, quando chegamos lá, ele já havia saído. Pessoas do lugar nos informaram que ele já voltara para casa. Retornamos os 10 quilômetros até a casa de padre Afonso, que já esperava por nós e nos cumprimentou cordialmente. Ouviu com muita atenção a explicação de Martin sobre a pesquisa relativa à emigração e prometeu ajudá-lo na medida de suas forças. Às 21:00 estávamos novamente na casa de Stortz, onde jantamos. Enquanto isso, Helmut fez um pequeno reparo na kombi. Marly presenteou-me com algumas pontas de flechas usadas outrora pelos índios para caça. Eu, como também Martin, sabemos valorizar muito estas preciosidades.

Domingo, 24.10.1999

Às 7:00 fomos acordados pelos nossos simpáticos anfitriões. Após o café, arrumamos nossas malas e os pacotes com os objetos que havíamos ganhado. Tudo foi bem embalado. A estada em casa de Helmut e Marly Stortz terminava. Levaram-nos de kombi até Armazém e nos deixaram, pontualmente, às 9:45 na casa paroquial. Padre Sérgio havia rezado missa na igreja matriz e a próxima missa era na capela São José, às 10:00 horas. Contou-nos que, nos dois dias em que estivemos ausentes, ele fez dois enterros, dois casamentos e sete batizados. Disse ainda que, quando celebra mais missas por dia, reza todas com a mesma devoção. Ele atende uma paróquia muito grande, com capelas em muitas comunidades. Está sempre alegre e disposto. Onde lhe advém toda essa energia, ele que tem 76 anos? Ele é um extraordinário cura d'almas, que não se cansa em ajudar onde puder ser útil. Seu telefone não para de tocar. Todos querem seu conselho. Muitas vezes atende até 40 pessoas por dia, que vêm procurar aconselhamento espiritual e ajuda psicoterapêutica.

Despedida de Marly e Helmut. Será que os veremos algum dia novamente? Depressa, para o outro carro e, adiante! Na capela havia um batizado durante a missa. Padre Sérgio fê-lo, como sempre, com muita espontaneidade. Hoje é dia das missões. Fez-se coleta nessa intenção. Normalmente esta é feita assim: coloca-se um cestinho diante do altar e quem quiser contribuir leva a oferta até lá. Aqui, no entanto, o ajudante de missa fez a coleta. A caixa de madeira não passava de mão em mão mas, quem queria contribuir, levantava a mão e o coroinha alcançava a caixa até o contribuinte.

Nós depositamos dez reais para esta boa ação. Padre Sérgio mandou o homem passar uma segunda vez pela igreja, pois achava que nem todos haviam contribuído. Então perguntou a Martin: “Martin, não vais depositar também alguma coisa”? Martin disse em voz alta: “Já depositei”. Imaginem uma cena assim em Osterwick! A missa foi coordenada por uma jovem e bela comentarista. Ela e Elise entoaram, com suas vozes bonitas, os cânticos. Antes da missa, padre Sérgio já havia anunciado na igreja que havia um casal de visitantes alemães. Terminada a missa, convidou-nos para vir até o altar pois queria nos apresentar e dizer alguma coisa sobre a pesquisa de Martin. Afinal, já estávamos acostumados. E lá fomos nós até o altar. Martin foi breve e expressou-se com palavras precisas. Em linhas gerais, falou da pesquisa sobre a emigração, agradeceu a todas as famílias que tão gentilmente nos cumprimentaram ou acolheram, elogiou a belíssima capela da qual podiam se orgulhar e especialmente do seu pároco padre Sérgio. Os fiéis podiam sentir-se felizes por terem um pároco assim tão bom como obreiro na vinha do senhor. Então Martin abraçou padre Sérgio contra seus largos ombros. Os fiéis aplaudiram e as crianças nos olharam como se tivéssemos vindo de um outro planeta. Padre Sérgio gritou do altar: “Hildegard, já fizeste uma foto?” Fotografei então a família com o recém-batizado. Mais tarde padre Sérgio disse a Martin que as pessoas jamais esquecerão que alguém vindo da Alemanha tenha admirado sua igreja. Para sua construção, todos haviam contribuído com generosas ofertas.

Elise ficou com sua família. A comunidade de São José é sua terra natal. Nós fomos, por Rio Fortuna, ao sítio onde mora a família Hemkemeier. Não estranhamos mais as longas distâncias. O que lá nos aguardava, não esqueceremos jamais! Tios, tias, filhos de Betina com padrinhos, genros, noras e nós... Éramos, ao todo, 36 pessoas. Foi um verdadeiro cerimonial de cumprimentos, com tanta gente e 3 beijos para cada um. Deparamos, nos fundos da casa, com um enorme puxado aberto em três lados, onde havia três mesas muito compridas com bancos e, ao lado, uma churrasqueira. Não sei se haviam carneado um boi. O anfitrião, Lucas, um jovem colono, fez, antes de começar a refeição, uma breve alocução externando a todos seus cumprimentos com votos de boas vindas. Foi servido carne muito gostosa com salada e, como bebida, cerveja e refrigerante. Cada uma das filhas trouxe, além de apetitosa salada, alguma outra contribuição para a festa. Uma espécie de bombom gelado foi servido como sobremesa. Betina disse-me em dialeto westfaliano: “Queres também uma balinha”? Contou-me, entre outras coisas, que na semana anterior ela viu, na orla da mata junto à roça de fumo, um bugio com filhote. Lucas, o herdeiro da propriedade Hemkemeier, mostrou-nos as estrebarias, as máquinas, os dois bois de tração e, em seguida, a casa. Esta foi construída em 1931 e com o passar dos anos não foram feitas grandes modificações no interior. Constitui-se de uma cozinha grande, quartos pequenos, banheiro e uma varanda. Gerti Stortz (filha de Marly e Helmuth Stortz) é a esposa de Lucas Hemkemeier. Dessa união nasceu a mimosa e engraçadinha Heidi. Na horta havia de

tudo como aqui entre nós em Osterwick, porém durante o ano todo. Havia pessegueiros, laranjeiras e muitas outras árvores frutíferas que não conhecíamos. Numa árvore havia pequenas frutas como se fossem laranjas alongadas [xinxim]. Deve-se comê-las com a casca, pois então são bem doces. Martin mordeu na fruta e o suco respingou no meu rosto e olhos. Num primeiro momento não podia mais enxergar. Tirei os óculos e meus olhos começaram a lagrimejar. A pequena Heidi viu-o e disse: “Tia não deve chorar”. Em novembro ela completa dois anos. O que será dessa pequena? Nunca tínhamos visto uma criança de dois anos tão esperta.

Martin e eu sempre éramos abordados para falar alguma coisa sobre usos e costumes da terra de origem na Alemanha. Martin entreteve-se longamente com Frederico Hemkemeier, 70 anos, irmão de padre Sérgio. Ele foi agricultor não muito distante da casa paterna. A conversa foi, evidentemente, no dialeto westfaliano. Cochichou nos ouvidos de Martin que ele tinha algo a lhe mostrar na casa que certamente lhe interessaria muito. Saíram então do puxado onde se realizava a confraternização até a casa. Frederico dirigiu-se ao quarto reservado a seu irmão, padre Sérgio, na casa paterna. Remexeu um pouco no quarto até aparecer com uma sacola de plástico. Frederico puxou o conteúdo da sacola e, eis que aparece o livro *Elsen*. Frederico não sabia até então que Martin era o autor do livro. Agora ele tinha que mostrar com orgulho seu livro a todos os presentes na festa. O livro de Martin representou a todos os convidados um valor todo especial. Martin havia presenteado padre Sérgio com este livro por ocasião de seu jubileu sacerdotal em 12.9.1998, em nossa casa. Após um lauto café com bolos e muitas espécies de tortas, recheadas com frutas frescas, padre Sérgio lembrou-nos que estava na hora de voltar. Após cordial despedida e nosso muito obrigado aos anfitriões pelo festivo convite, estávamos prontos para sair. Partimos às 16:30 e viajamos pela estrada que, em parte, atravessa a mata virgem. Padre Sérgio nos disse que neste lugar, sempre que vai à casa paterna, ele pára e faz uma prece. Pudemos confirmar a veneração pela natureza ainda intocada.

No caminho de volta a Armazém, em Rio Fortuna, visitamos Roberto Tenfen, de 87 anos. A família já nos esperava pois nos havíamos anunciado previamente. Cumprimentamo-nos cordialmente na ampla varanda da casa. O senhor Tenfen escreveu um livro sobre os primórdios e povoamento de Rio Fortuna. Martin e Alfred Efting, de Dorsten, já têm há mais tempo um exemplar do livro e mantêm correspondência com o autor. Foi professor de escola primária e, durante muitos anos, dirigente de coral em Rio Fortuna. O coro já se apresentou em muitos lugares em Santa Catarina, e seu renome ultrapassou as fronteiras desse estado. A casa de Roberto é uma residência muito bonita. Ofereceram-nos café com cuca fresca. A empregada estava sempre de prontidão para servir-nos, mas não tomou lugar conosco à mesa. O genro é médico. Padre Sérgio ausentou-se por breve tempo para tratar com padre Afonso sobre nosso encontro de amanhã. Ainda não sabíamos o que nos esperava no dia seguinte. Após a despedida,

fomos com Henrique Michels e Elise a um pesque-pague com restaurante e salão de festa. Depois de um passeio ao redor do “mar interior”, deleitamo-nos, antes de partir para Armazém, com as grandes e saborosas jabuticabas que crescem apinhadas quais pérolas diretamente no tronco das árvores. Todos nós estávamos satisfeitos por hoje com esta alimentação.

Nós, Sérgio, Elise, Henrique, Martin e eu conversamos sobre vivências e experiências de vida enquanto tomávamos uma xícara de chá. Martin queria falar, ao menos por telefone, com o dentista Lourenço Oenning, cujos antepassados são originários de Eggerode. O grupo de pesquisa da emigração tivera com ele contato epistolar há alguns anos. Estava feliz em poder ouvir Martin, mas estava interessado em conhecê-lo pessoalmente. Partiu logo de Braço do Norte para a casa de Henrique Michels em Armazém. Martin esperou-o lá com Henrique e Joana. Martin teve evidentemente com ele uma animada conversa em dialeto westfaliano sobre a pesquisa de família. Foi interessante que Martin reencontrasse, entre os documentos da família Oenning suas listas e cartas fotocopiadas com resultados da pesquisa, que ele havia enviado a outras famílias há aproximadamente cinco anos. No círculo de pesquisadores, acontece no Brasil como nas outras partes do mundo, que os resultados da pesquisa circulem em cópias. Encontrou-se talvez a agulha perdida no palheiro. Às 22:00 horas Martin voltou após despedir-se com a promessa de manter contatos através de cartas. É necessário reafirmar sempre o quanto as pessoas se alegravam quando podiam falar conosco em dialeto westfaliano e o quanto agradeciam pela oportunidade que tinham de nos conhecer pessoalmente.

Segunda feira, 25.10.1999

Após o café da manhã, preparamo-nos, pelas 9:00 horas, para mais uma jornada de novidades. Dificilmente se sabia com antecedência o que Padre Sérgio planejava para nós e qual era a próxima surpresa que nos aguardava. No carro fiz uma oração a Nossa Senhora. Em Braço do Norte, Martin falou com a viúva Maria Schlickmann Brüning a respeito do empréstimo das anotações de seu falecido marido, outrora prefeito, Daniel Brüning. Ele havia planejado escrever um livro sobre a região de Braço do Norte. Ela entregou-nos os documentos por tempo indeterminado para que Valberto possa conferir tudo e, eventualmente, fazer uso das informações. Na paróquia de São Ludgero, Martin devolveu o livro de crônicas que ele havia tomado emprestado para fazer fotocópia. Cumprimentamos ainda a senhora Iva Buss, solteira, que leciona na escola ao lado da casa paroquial. Padre Sérgio é muito conhecido da família. Fomos aí convidados para o café da tarde. Por Rio Fortuna, Por longa estrada cheia de buracos, lisa e muitas curvas, chegamos à casa de Maria Salete Schürhoff, distante alguns quilômetros da cidade de Rio Fortuna. Padre Afonso Schlickmann com a empregada

Helena e Adolfo Schlickmann, irmão de padre Afonso, com a mulher, já estavam lá e já haviam preparado comunitariamente um apetitoso almoço para nós. Foi servido salada de feijão de vara, frango a passarinho, lentilhas, beterraba, cenoura e, como sobremesa, pêssego em calda. Só agora soubemos que os anfitriões, o casal Schüroff, apenas nos havia convidado para nos ver e conhecer. Ele é marceneiro autônomo com sete empregados e ainda fala um pouco o dialeto westfaliano. Ela nos entendia muito pouco mas facilmente captava o que dizíamos. Mulher muito simpática e bonita, é massagista, e com esta profissão contribui para o sustento da família. As pessoas que vêm para esta terapia, deitam-se numa cama e ela faz a massagem de pé e inclinada diante do paciente. Não podíamos compreender como ela, de maneira tão simples, sem mesa de massagem (maca), conseguia fazer as pesadas massagens. Já tornava para nós pesaroso ver como as pessoas se preocupavam conosco e como ficavam gratas com a nossa visita. Na despedida, Maria Salete abraçou-nos fortemente, beijou-nos e nos disse, em português, muitas palavras, possivelmente de agradecimento e votos de felicidades. Enquanto embarcávamos, entoaram o canto de despedida: “Auf Wiedersehn, auf Wiedersehn, bleibt nicht so lange fort” (Até logo, até logo. Não demorem em voltar). Mais uma vez conhecemos pessoas com quem a gente se sente bem.

Chegamos às 15:00 horas, a hora combinada, para o café em casa das duas senhoras Buss em Braço do Norte. A senhora Iva Buss é, como já citei, professora. Vive com sua mãe de 83 anos. Avaliando pelas condições e arrumação da casa, parece que são pessoas abastadas. A mãe nos disse, em dialeto westfaliano, que ela teve nove filhos, dos quais três prematuros, e dois enteados do primeiro casamento de seu marido. Esteve casada dezoito anos com seu marido. Seu desejo era ter quinze filhos. Foram muito difíceis seus anos de solteira na casa paterna. O pai era muito rigoroso e sempre exigiu que seus filhos o acompanhassem no trabalho da lavoura. Disse-nos que não gosta de lembrar do tempo de juventude. Os caminhos para a roça tinham que ser feitos a pé. A filha tinha cinco anos quando o pai faleceu. Então, quando ainda criança, ela teria dito: “não me casarei, cuidarei da mãe”. Após um animado entretenimento em dialeto westfaliano sobre coisas do passado e do presente, padre Sérgio olhou no relógio para dizer que estava na hora de nos despedirmos.

Agradeceram nossa visita e estavam tristes porque não tínhamos comido muito e, sobretudo, lamentavam que não podíamos ficar mais tempo. Novamente uma cordial despedida e, adiante!

A próxima parada foi na casa de padre José Kuns que mora em Termas do Gravatal, à rua Daniel Brüning. Já telefonara para a casa paroquial para saber se nós não vínhamos. Havia preparado algumas coisas de interesse para Martin e alegrou-se em ver-nos mais uma vez.

Após despedir-nos de padre José Kuns, rumamos, às 17:00 horas, para a casa paroquial. Tomamos um rápido banho e nos arrumamos para o próximo compromisso.

Visitamos Augusto Brüning, que mora com a família de sua filha e genro. Ele contou-nos, em nosso dialeto, que sempre teve vontade de conhecer a Alemanha, mas que sempre lhe faltou dinheiro e que agora está velho e doente. Mas seus olhos brilharam quando Martin lhe mostrou os dados informativos sobre seus antepassados emigrantes. A neta não se afastava de perto de nós, pois achava deveras interessante nosso idioma alemão. A despedida tinha que acontecer, pois ainda estava agendado outro compromisso naquela noite. E assim partimos para São Martinho, onde a família Stortz nos havia preparado uma surpresa na casa do filho Klaus. Os filhos de Hemuth e Marly, Klaus e Kurt, com as respectivas esposas, um sobrinho e dois netos, todos vestidos em trajes típicos, estavam a postos para uma apresentação em caráter bem privado. Os violões foram afinados. Então começou o melodioso concerto, tocado e cantado, com um significativo repertório de canções alemãs. Um grande copo de caipirinha feita com pinga “Berkenbrock”, circulava nos intervalos. De vez em quando se dizia: “mais um gole”. Por volta das 22:00 horas, saboreamos várias pizzas de diversos sabores. Jamais esqueceremos este “concerto privado”, organizado especialmente para nós. A última cordial despedida da família Stortz com um muito obrigado pela formidável surpresa foi o toque final do dia rico em vivência e emoções. Já passava das 23:00 quando chegamos em Armazém. Padre Sérgio precisava conferir ainda a unção dos enfermos a uma pessoa gravemente doente. O hospital fica perto da casa paroquial. O horário não conta no trabalho pastoral no Brasil. Padre Sérgio era chamado com muita frequência à noite. Quando, no café da manhã, lamentamos o fato de haver sido perturbado em seu descanso noturno, ele disse: “se, à noite, sou acordado três vezes com chamada telefônica, tenho a satisfação de dormir quatro vezes”. Não é maravilhoso tirar de cada situação, ainda que penosa, uma lição positiva?

Terça feira, 26.10.1999

Depois de mais um pernoite e bom descanso na bonita casa paroquial, tomamos café às 8:00 horas. Na capela doméstica padre Sérgio deu-nos a bênção de viagem. Despedimo-nos de Elise. Nós e ela nos quisemos realmente bem. Abraçamo-nos e nos despedimos com os habituais (no Brasil) três beijinhos. Os meus olhos e os de Martin umedeceram-se, não pudemos conter nossas lágrimas. Elise é uma jóia de pessoa e não será fácil achar substituta que com ela se compare como governanta de padre Sérgio. Apanhamos, num lugar previamente marcado, Maria Salete Schüroff, que foi conosco para Florianópolis. É uma pessoa muito simpática. Durante a viagem afagava e esfregava minhas mãos picadas de mosquitos. A certa altura da viagem paramos para tomar uma garapa e comemos pamonha. Quatro pamonhas e quatro copos grandes de garapa custaram R\$ 6,00. Com esses preços, nós turistas, podemos estar realmente satisfeitos.

Exatamente às 12:00 horas chegamos à casa das irmãs idosas da Congregação da

Divina Providência em Florianópolis. Irmã Ana (irmã de padre Sérgio), que é religiosa e trabalha neste convento, já nos esperava e nos cumprimentou. Convidou-nos logo para o almoço especialmente preparado para nós. Após o almoço e muita conversa em nosso dialeto, ela mostrou-nos os jardins do convento e a capela. Pelas 13:00 horas Valberto veio buscar-nos. Despedimo-nos do zeloso e atencioso padre Sérgio. Nós lhe ficamos muito gratos por tantas boas impressões que nos proporcionou com as visitas às famílias e passeios. Penso que também para padre Sérgio foi uma bonita experiência ver como Martin se constituiu num elo entre a terra de origem dos antepassados na Alemanha e os westfalianos descendentes no Brasil. Com certeza não esperava que a nossa visita tivesse tanta ressonância e motivasse tantas pessoas a falar com ele para nos convidar a fim de encontrar-se conosco.

Em casa de Valberto pudemos finalmente descansar bem. Ele tinha compromissos profissionais na universidade. Dulce estava de aniversário. Martin e Valberto telefonaram para diversas pessoas com quem Martin já tinha correspondência há muitos anos e uma visita a estas pessoas era quase impossível por causa das enormes distâncias no Brasil. Pelas 22:00 horas fomos dormir pois estávamos muito exaustos.

Quarta feira, 27.10.1999

Às 9:30 horas foi servido o café. Valberto tinha compromisso na universidade até o meio-dia. Eu falei por telefone com minha filha Martina. Ambas estávamos felizes em ouvir nossas vozes. Tudo estava bem. Padre Sérgio já telefonou às 8:30 horas e queria saber como havíamos dormido. Elise disse, em alemão, “bom dia Hildegard e Martin”! Ela se queixou, através das palavras de padre Sérgio, que a casa ficou tão vazia com a nossa partida e que deixamos saudades na casa. Padre Sérgio pretende viajar à Alemanha em 2000 e rezar uma missa no dialeto westfaliano para nós em Osterwick. Após o almoço, Valberto levou Martin ao arquivo do Estado. Olharam documentos originais de colonos, listas de passageiros de navios e outros importantes documentos para a pesquisa sobre emigração. Para Martin foi uma experiência altamente interessante. Eu tinha que fazer anotações em meu diário para não esquecer nada de importante para o futuro relatório de viagem. Hoje choveu um pouco e aproveitamos para descansar e nos recompor das agitações da última semana. Após 19 anos de pesquisa, finalmente Martin encontrou o paradeiro da família de Henrique Küper (Holz/Richter) que em 1862 emigrou para o Brasil e se estabeleceu em Rio Novo/SC. Por volta das 19:00 horas fomos com Valberto à casa de Fridolino David e sua mulher Rosa, um dos descendentes da família Küper / David. Mora numa pequena mas bonita casa em Florianópolis. Ele é um livro de história vivo. Num bom dialeto westfaliano, sabia contar muito sobre o parentesco e as relações entre as famílias de antigamente. Para confirmar o que dizia, ele repetia: “com certeza, com certeza”. Não encontramos

naquela noite sua esposa, pois ela tinha ido visitar sua irmã gravemente enferma. Com sua mulher ele também só fala o dialeto westfaliano. Diz Fridolino que, em conversa com Rosa ela se esquece e troca o westfaliano pelo português, ele silencia até que ela percebe seu equívoco e volta a falar em dialeto westfaliano. Fridolino disse-nos: “Quero preservar meu dialeto westfaliano por toda a vida”. Lamentou que não pudéssemos ficar mais tempo. Todavia, encontramos-nos novamente com ele no sábado, em Rio Novo. Martin é o segundo alemão que ele viu em toda a sua vida. Sobre esta família gostaria de dizer algo mais, mais adiante. Despedimo-nos de Fridolino e ficamos contentes em poder revê-lo no sábado. Chovia no caminho de volta. Chegamos em casa às 22:00 horas e assim terminou mais um dia rico em experiências.

Quinta feira, 28.10.1999

Valberto, Martin e eu fomos até a universidade. Visitamos o local de trabalho e a sala de atendimento de Valberto. Uma rápida visita ao vice-diretor com quem Valberto falou sobre nosso projeto. Valberto fotocopiou para Martin textos e documentos de interesse para a pesquisa. No bar do Centro de Convivência tomamos ainda tranqüilamente um capuccino. Eu comprei uma toalha de renda artesanal por 12,00 reais, como recordação. Trocamos dinheiro no banco e ganhamos 1,92 reais por 1 US dólar. Se vivêssemos aqui com nosso dinheiro aqui, poderíamos nos permitir muita coisa. Sou grata pois tudo vai bem. Aqui vive muita gente em casebres (favelas) na periferia da cidade.

Às 19:00 foi o encontro de pesquisadores de genealogia num restaurante. A dona do restaurante é uma descendente Berkenbrock. Compareceram em torno de 20 pessoas. Entre outros, havia 1 bispo, 1 monsenhor, 1 pároco. Muitos falavam alemão e o dialeto westfaliano. Foi servido um substancioso jantar. Nós, Martin e eu, podíamos nos servir à vontade, sem pagar. A maioria eram pessoas jovens. Uns historiadores, professores, genealogistas e pesquisadores da emigração. Martin contou a fascinante história da família Krämer/Berkenbrock. A anfitriã (dona do restaurante) ficou muito emocionada com a história, para ela desconhecida, de sua tataravó imigrante. A senhora Else Philippi e Valberto traduziam as explicações de Martin. Muitos tinham perguntas especiais referentes à pesquisa sobre emigração. Muitos compareceram porque haviam lido o artigo de Martin publicado no jornal “Brasil-post”. O senhor Osias Alves, um repórter da cidade vizinha de Biguaçu, veio para marcar um encontro para uma entrevista. A noite foi muito importante para Martin, pois a finalidade de nossa viagem era expor nossa pesquisa sobre emigração aos parceiros de pesquisa no Brasil. Se em cada um dos países se constitui um grupo de pesquisa que persegue os mesmos objetivos, o trabalho conjunto só pode frutificar.

Sexta feira, 29.10.1999

Sáimos às 8:00 horas, após o café da manhã. Primeiro fomos à universidade onde Valberto tinha que desincumbir-se de um compromisso. Após breve demora, partimos numa belíssima manhã de sol primaveril. Paramos em vários lugares para apreciar a beleza da paisagem do litoral e das praias. A certa altura paramos numa garapeira para tomar caldo de cana com limão. Seguimos viagem e fomos ao Balneário de Camboriú (SC) com sua belíssima praia de areia branca e fina. Tirei meus sapatos e andei pela água. A água do mar era maravilhosamente refrescante. Uma onda com a qual eu não contava, alcançou-me e molhou minha calça até os joelhos. Entramos numa casa de comércio onde compramos, como lembrança, uma lindíssima concha por 27,00 reais. Valberto mostrou-nos a bonita casa de veraneio de sua irmã Olinda e cunhado Vital, não muito distante da praia. A casa é de dois andares: eles ocupam o térreo e o segundo piso está alugado. De lá seguimos nossa viagem pela orla marítima até Itajaí, onde contemplamos belas paisagens litorâneas.

Camboriú é o mais importante balneário e centro turístico de Santa Catarina. Está situado próximo da foz do rio Itajaí-açu. O clima é temperado, embora nos meses de verão a temperatura chegue 35 graus ou mais. No inverno é suave. A população fixa de Camboriú é de aproximadamente 70.000 habitantes. Na época de veraneio este número sobe para 1.000.000 (!). A principal atração de Camboriú é a praia. Rente à praia corre a avenida Atlântica e, ao longo desta, há quiosques, bares e restaurantes que se constituem em ponto de encontro das pessoas que freqüentam a praia. Um dos pontos mais bonitos é a Ilha das Cabras, bem defronte à cidade, e que pode ser visitada de barco. Outras atrações são a igreja de Santa Inês em formato de chapéu de palha e a igreja Santo Amaro, visitada por Dom Pedro II e que conserva obras de arte muito preciosas. Mais adiante, à beira da BR 101, encontra-se o parque da Santur com jardim zoológico, feira de artesanato e produtos regionais. Ultimamente, as maiores atrações são o Cristo Luz, de 33 metros de altura no alto do morro, e o teleférico, que leva ao morro no outro lado do rio Camboriú. Do alto desses dois morros tem-se uma visão só imaginável em sonho. Todas estas belezas e atrações são complementadas com, pelo menos, outras sete praias próximas ainda em estado natural. De março a dezembro, período de baixa estação, Camboriú se transforma em cidade de congressos. A cidade oferece 75 hotéis com mais de 11.000 leitos, além de centenas de restaurantes e bares, um centro de convenções com 5.000m² com um auditório com capacidade para 2.500 lugares sentados.

Em Itajaí aguardava-nos Antônio Effting que nos convidara para o almoço. Fomos recepcionados com muita cordialidade e alegria. No mais, nós já nos conhecíamos das bodas de ouro do casal Berkenbrock em Armazém. A mesa estava tão ricamente posta como já havíamos vivenciado mais vezes. Como aperitivo foi servido

um licor de coco e, como sobremesa, pudim. O filho Jaime, com quem nosso grupo de pesquisa já se corresponde há alguns anos, comprometeu-se dar continuidade à pesquisa sobre a família Effting, até agora feita pela tia Tabita Effting Feuser, de Vargem do Cedro. Seu pai, Antônio Effting, é proprietário de uma agropecuária. Quando nos despedíamos, veio até nós o senhor Bläser, de Itajaí, que Bernhard e Anemarie Wiekus, de Coesfeld, nos haviam recomendado como pessoa muito simpática e social. Após os cumprimentos, falou-nos, entre outras coisas, de sua coleção de orquídeas que ele gostaria de nos mostrar. Mas não tínhamos mais tempo. Após a despedida da grande família Effting e do senhor Bläser, voltamos a Florianópolis.

Itajaí é uma cidade preponderantemente luso-açoriana e possui o porto mais importante de Santa Catarina. Com uma população superior a 90.000 habitantes, a cidade é também um importante centro turístico e econômico. Além de excelentes hotéis, há em Itajaí bons restaurantes, bares e outras atrações como a igreja matriz construída em estilo gótico pelo arquiteto Grammlich e decorada com pinturas de Aldo Locatelli e Emílio Sessa. Há, na cidade, três museus e monumentos em diversas praças. Na parte sul da cidade, onde se encontram as praias, chama a atenção o Bico do Papagaio: uma enorme pedra de formato a sugerir a cabeça daquele pássaro. Lá também se encontra um farol inaugurado em 1902. A Marejada, ou seja, a festa portuguesa da pesca (o porto de Itajaí tem o maior terminal pesqueiro do país!) começou em 1987 e divulga na região e no estado o potencial turístico e econômico da cidade. Nos galpões da festa são apresentadas atrações como danças folclóricas portuguesas, shows, concursos de dança, bandas musicais nacionais e estrangeiras. Outra atração são as comidas típicas portuguesas encontráveis nos muitos restaurantes. As comidas típicas à base de peixe são: peixe grelhado, peixe ensopado, empada de peixe e frutos do mar. Há diversões de todo o tipo nos galpões da festa. Durante o período da festa, que durante três semanas, realiza-se também a feira do comércio e da indústria, que mostra os produtos da região como produtos têxteis, confecções, artesanato e souvenirs.

Pontualmente às 16:00 horas entramos no escritório do senhor Alves, em Biguaçu, para uma entrevista tendo em vista um artigo para o jornal da cidade. Enquanto o senhor Alves nos entrevistava sobre nossas pesquisas relativas à emigração, sua mãe preparou-nos um cafezinho. Terminada a entrevista, despedimo-nos e, sem demora, estávamos novamente na BR 101, que leva a Florianópolis. Por causa das obras de duplicação da rodovia, enfrentamos um grande congestionamento e, se isto não bastasse, fazia muito calor.

Chegamos ainda a tempo em Florianópolis para apanhar as fotos cujo filme havíamos mandado revelar. A revelação e as 36 fotos custaram 16,50 reais. Como cortesia, podíamos ampliar três fotos.

Depois da janta, fomos à casa de Raulino Junklaus. Verena, sua esposa, fala muito bem alemão. O casal tem três filhos muito espertos. Raulino é genealogista e

pesquisador da emigração sério e competente. Levou Martin até seu escritório onde lhe mostrou alguns dos resultados de sua pesquisa. Raulino é bancário mas nas férias ou dias de folga visita os cemitérios antigos de ambas as religiões (católica e protestante) em Santa Catarina para registrar as inscrições tumulares de nascimento e falecimento, que servirão como fonte de informação para os pesquisadores de genealogia.

A família de Verena é de origem alemã. A história de sua família foi registrada com todos os detalhes num livro em edição bilingüe. Ela é professora na universidade e fala bem alemão. Passamos horas aprazíveis em companhia da família Junklaus. Às 22:00 horas estávamos novamente em casa e fomos logo para a cama pois estávamos muito cansados.

Sábado, 30.10.1999

Após o café da manhã fomos com Valberto e Dulce para o lugar chamado Santo Amaro da Imperatriz, onde brotam da terra fontes de água quente de até 40° de temperatura. Do conjunto dos prédios de hotéis, com instalações para terapia e lazer, fazem também parte um parque com bosques e jardins bem zelados, uma ponte pênsil sobre o riacho que desce das montanhas pela mata virgem, um pequeno museu a céu aberto, enfim, tudo é muito bonito e bem organizado nos arredores. Não podíamos nos demorar muito pois queríamos chegar pontualmente em Águas Mornas onde o historiador Toni Vidal Jochem, que já nos visitou em Osterwick, nos aguardava diante da prefeitura. Logo veio também o prefeito com a kombi da prefeitura. Esta kombi foi certamente a condução mais indicada para a grande e perigosa viagem que empreendemos naquele dia de chuva a Rio Novo por uma rodovia em construção. Pelo caminho embarcou também o vice-prefeito, que sabe falar alemão. Primeiro visitamos o complexo hoteleiro das termas de Águas Mornas, distante 8 quilômetros daquele de Santo Amaro da Imperatriz. Mostraram-nos as instalações do hotel: os quartos, salas de banho, salões de festa e de diversões, etc., tudo muito bonito e organizado com bom gosto. Na Alemanha, estas instalações estariam classificadas entre as melhores do gênero. Após esta breve visita, tornamos a embarcar na kombi e seguimos viagem. A meta era Rio Novo, localizado uns 20 km adiante entre as montanhas.

Valberto já nos havia prevenido sobre as péssimas condições da estrada, mas não esperávamos que fossem realmente tão ruins. Por causa da intensa chuva dos dias anteriores havia muita lama na estrada de terra. Nossa primeira parada foi em Teresópolis. Martin ficou muito impressionado quando chegou àquele lugarejo adormecido no tempo. O pequeno povoado perdido no meio das montanhas tem um grande significado para o historiador da emigração westfaliana. Lá residiu padre Guilherme Roer, de Münster, que durante mais de 30 anos assistiu os colonos espalhados pelas tufas e picadas na mata. Vendo o estado de miséria e o futuro incerto

de muitos imigrantes, padre Roer reuniu os colonos e os conduziu ao vale do Braço do Norte, onde conseguira do governo imperial terras férteis e mais apropriadas para agricultura. Visitamos o cemitério onde há um monumento em memória do inesquecível cura d'almas padre Guilherme Roer. Após algumas fotos desse memorável lugar, embarcamos rumo ao nosso destino, Rio Novo.

Depois de percorrer um trajeto de estradas indescritivelmente ruins, estávamos finalmente em Rio Novo. Passando por uma porteira que dá acesso ao pasto, atravessamos uma ponte estreita sobre o rio, que estava bastante cheio e o pasto molhado e liso, chegamos à casa da família de Helga e Agostinho David Lüdke. As famílias David/Lüdke, entre os quais o já citado Fridolino David (*10.2.1933) com sua esposa Rosa, nascida Wagner (*10.10.1933), nos cumprimentaram com muita cordialidade e nos deram as boas vindas. Era grande a alegria que contagiava a todos como num dia de festa popular. Fridolino havia convidado todos os parentes para dar-nos a honra de se encontrarem conosco. Todos queriam nos abraçar e estavam tão felizes em receber-nos como visita pois, além de alemães, éramos parentes. Para os anfitriões foi naturalmente uma alegria muito grande a presença do prefeito e do vice-prefeito no festivo encontro. Para Martin foi o ponto alto da viagem ao Brasil, pois após 19 anos de busca por descendentes da família Küper, encontrou-os finalmente em Rio Novo. Após os cumprimentos que não tinham fim, naturalmente em dialeto westfaliano, visitamos a casa, o jardim, a horta, as instalações para o gado e redondezas. A família Lüdke tem 8 vacas que fornecem o leite para consumo próprio. Do excedente fabricam queijo que, depois de secado e acondicionado, é vendido, e o lucro se constitui em renda complementar da família. Um enorme porco gordo no chiqueiro estava para ser abatido nos próximos dias. A farta variedade de bolos e cucas fora cozida no forno à lenha construído por Fridolino. Num dado momento, durante a conversa sobre a vinda dos imigrantes, Fridolino lembrou-se que no sótão havia um caixote no qual teria vindo a mudança da família. Imediatamente alguém subiu ao sótão e trouxe de lá o baú, de incalculável valor histórico, que pertenceu à sua avó Anna Küper, nascida em Osterwick em 24.3.1860. A inscrição "A. Küper" na tampa era a prova irrefutável da autenticidade e sua pertença à família. Após intensa conversa, pois as novidades não tinham fim, os anfitriões nos convidaram para tomar lugar à mesa para o almoço. Foi-nos realmente oferecido o melhor. Como sobremesa, foi servido um grande bolo. A mãe de Fridolino, com mais de 90 anos de idade, estava acamada e gravemente enferma. Um derrame a havia cegado e deixado sem movimentos. Até quatro meses atrás ela ainda havia trabalhado na horta. Antes da despedida, Martin convocou a todos para dizer algumas palavras sobre o caminho que percorreu até a feliz descoberta da família Küper. Agradeceu a família David/Lüdke pela cordial acolhida e pelo saboroso almoço. Fridolino disse, num breve e animado discurso, em nome de sua grande família no Brasil, algumas palavras de caloroso agradecimento. Ele e sua irmã jamais acreditavam

receber um dia visita de algum parente da Alemanha. Alegraram-se imensamente em ouvir algo sobre Osterwick, a terra natal de seus avós, mas principalmente sobre seus antepassados e sua história. Prometeram incluir-nos em suas orações para que sempre nos corresse tudo bem na vida. Portanto, mais uma despedida segundo o costume brasileiro!

Agora, sob orientação de Fridolino e sua mulher Rosa, que também embarcaram na kombi, seguimos adiante pelo caminho lamacento para conhecer os lugares onde moraram antigamente os imigrantes westfalianos e os Küper/Richters, parentes de Martin. Como já mencionei, Fridolino é um livro vivo de história. Ele conhece os lugares onde cada colono morou e o nome de cada um dos primeiros moradores cujas casas desapareceram antes ou depois da virada do século. A forte chuva que começou por volta do meio-dia, transformou cada vez mais nossa viagem numa grande aventura. Se não tivéssemos tido o prefeito como experiente motorista, não teria sido possível continuar a viagem por aqueles morros e grotas. Chovia muito e a água empossava na estrada. No ponto final da viagem abriu-se diante de nós um belíssimo vale. Bem em baixo, corria o Rio Novo. O lote n. 1, da margem esquerda do Rio Novo, de 80.000 braças em quadra (os colonos recebiam do Estado um lote que, via de regra, media 100.000 braças em quadra para cultivo), foi concedido, por ocasião da imigração em 1862 à viúva Anna Catharina Küper, nascida Richters (*3.5.1825 Osterwick, †19.12.1906 Rio Novo). [A casa que era da família Küper em Osterwick pertence agora a Heinz Hidding, Asbecker Straße Nr. 37]. O marido de Anna Catharina Küper faleceu durante a viagem no navio e ela casou, no Brasil, em segundas núpcias com Joseph Hermann Engelbert Kühlkamp (*14.5.1835 Asbeck). No pasto, embaixo no vale, ainda se encontram as quatro pedras angulares sobre as quais estava construída a casa da família Küper. Martin tinha a sensação de recuar no tempo até a época da construção da casa no século 19 e sentir, na imaginação, a vida dura dos imigrantes no início da colonização na mata virgem do Brasil. A forte chuva não nos permitiu apreciar melhor o lugar. Despedimo-nos do belíssimo lugar onde outrora se encontrava a residência da família Küper no vale do Rio Novo.

Na volta para casa agradecemos de todo o coração a Fridolino pela boa orientação e informações que nos prestou. Despedimo-nos dele e de sua esposa Rosa, quando desembarcaram da kombi perto da casa da família David Lüdke que tão gentilmente nos acolhera. O prefeito, apesar da péssima estrada cheia de lama e buracos (três vezes a kombi tocou com o fundo até o chão), conduziu-nos sãos e salvos até Águas Mornas.

No trecho pior da estrada havia dois carros encaçados na lama. Seus ocupantes haviam tirado os sapatos e empurravam os carros. Quando finalmente tínhamos de novo chão firme sob as rodas, o prefeito motorista foi efusivamente aplaudido. Não tínhamos palavras adequadas para externar nosso sentimento de agradecimento pela sua habilidade como motorista profissional e experiente nestas estradas e por tudo o que fez

por nós naquele dia. Mostrou-nos na prefeitura seu gabinete de trabalho e o lugar de trabalho de Toni Jochem. Uma filha de Hilda Philippi (prima de Valberto), que mora em Águas Mornas, veio nos cumprimentar e lamentou que não tirássemos o tempo para tomar com ela um café. Novamente nos despedimos dos amigos que ali ficaram. Partimos de volta rumo a Florianópolis. Às 18:00 horas fomos com Valberto e Dulce à missa no Colégio Catarinense dos padres Jesuítas. Evaldo Hemkemeier (um primo de padre Sérgio Hemkemeier) já estava na igreja onde nos cumprimentou. Um grupo de jovens tocando violões puxava os cantos. Após a missa cumprimentou-nos a filha de Júlio Boeing, Áurea, com sua família. Estávamos totalmente esgotados quando chegamos em casa. Como tudo havia transcorrido bem, tomamos uma garrafa de vinho que Alfred Florin havia comprado quando esteve com Valberto em Florianópolis, em maio.

Domingo, 31.10.1999

Levantamo-nos às 8:00 horas. Eu já estava com “febre de viagem” e arrumei o restante das coisas para a viagem de volta. Com toda calma tomamos café. Recordamos algumas façanhas do dia chuvoso de ontem. Padre Sérgio telefonou às 9:00 horas para despedir-se de nós. Elise estava triste pois gostou muito de nossa companhia. Padre Sérgio disse que havíamos deixado saudade para trás, em Armazém. Martin contou-lhe ainda uma piada sadia. Padre Sérgio assegurou-nos que na casa dele sempre encontraríamos as portas abertas para quando quiséssemos voltar. Disse ainda que ele e Elise se sentiram honrados e felizes com a nossa visita. Ao meio-dia fomos novamente àquele restaurante onde se paga a comida por peso. O almoço, para nós quatro, custou 15,31 reais. Um restaurante assim deveria existir também em Osterwick; então eu não cozinharía tanto. Quando estávamos de volta em casa, fiz as anotações nas fotos que havíamos mandado revelar anteontem. Depois disso, descansamos um pouco.

Valberto levou-nos ainda a um supermercado. Dulce havia preparado nesse ínterim o café; era nossa última refeição na casa de Dulce e Valberto. Somos eternamente gratos a Valberto por tudo o que fez por nós. Ele preparou e organizou nossa viagem até nos mínimos detalhes; sem o seu empenho e sua organização os dias não teriam sido tão ricos e interessantes em informações e aventuras. Valberto disse que se engajou tão a fundo porque eu acreditara nele e também por Martin, pelo benemérito trabalho de pesquisa sobre emigração. Ele achava que era importante que Martin visse os lugares onde os emigrantes westfalianos se estabeleceram no século 19, bem como onde e como os descendentes vivem hoje. É certamente venturoso que Valberto e Martin tenham os mesmos interesses referentes à pesquisa sobre emigração. Somos gratos a Valberto, que nos possibilitou conhecer o Brasil de uma perspectiva assim. As experiências do Brasil motivarão Martin e seus colegas Alfred Efting, Norbert

Henkelmann e Ingrid Seliger a continuar com mais entusiasmo na pesquisa.

As 17:00 horas partimos para o aeroporto. Dulce foi junto. Valberto, como sempre, coordenou tudo. Quando já estávamos no aeroporto, Raulino Junklaus conseguiu chegar ainda em tempo com as crianças para dizer-nos adeus. Antes de embarcar, fizemos rapidamente uma foto. É uma sensação emocionante quando se sobe os degraus da escada que dá acesso à aeronave e de lá se olha para trás para acenar pela última vez para aquelas pessoas tão queridas que nos presentearam com estas inesquecíveis experiências do sul do Brasil!

O Boing 737 levantou vôo às 19:10 horas. Após alguns minutos de vôo já vimos o impressionante mar de luzes da enorme cidade de São Paulo. Foi uma vista maravilhosa como nunca tínhamos visto antes. As 20:00 horas já estávamos aterrissando novamente. Dirigimo-nos imediatamente ao portão de embarque 25 e lá aguardamos nossa chamada. Embarcamos pontualmente. A máquina, novamente uma MacDonnell Douglas (MD 11), de 267 lugares, levantou às 23:30 horas. Capitão Wotsch com sua tripulação conduziu-nos com segurança até Frankfurt. Nós tínhamos os lugares 21a e 21b. Apesar de haver mais espaço que nas filas de quatro e cinco lugares, o espaço para movimento era pouco para um trajeto de 11 horas de vôo. Foi servido bebida e, em seguida, janta. Depois podíamos dormir, a 10.000 metros de altura acima das nuvens. Foi um vôo tranqüilo. Às 13:50 horas pousamos suavemente em Frankfurt. Agora estávamos bem mais próximos de nossa terra natal e bem mais ricos em experiência de vida. Telefonei para os filhos. Tínhamos grande folga de espera. Às 17:40 seguimos adiante num Boing 737 até Münster-Osnabrück. Lá Sabina nos esperava. Foi uma sensação muito agradável, após um passeio tão proveitoso, chegar com saúde em casa e estar novamente com os filhos e netos.

Rosendahl, 4 de março de 1999
Hildegard e Martin Holz

Tradução: Valberto Dirksen
Revisão: Jaime Clasen e Loreno Philippi

Florianópolis, 10 de abril de 2002